



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS POETA TORQUATO NETO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANA GABRIELA FERREIRA DE SOUSA
ELANE AZEVEDO VIANA

**DESAFIOS E DIFICULDADES DOS PROFESSORES NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS DE 1º E 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL
EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA-PI**

TERESINA-PI

2025

ANA GABRIELA FERREIRA DE SOUSA
ELANE AZEVEDO VIANA

**DESAFIOS E DIFICULDADES DOS PROFESSORES NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS DE 1º E 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL
EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA-PI**

Trabalho de conclusão de curso – Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí, apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de licenciadas em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Me. Umbelina Saraiva Alves.

TERESINA-PI

2025

ANA GABRIELA FERREIRA DE SOUSA
ELANE AZEVEDO VIANA

**DESAFIOS E DIFICULDADES DOS PROFESSORES NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS DE 1º E 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL
EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA-PI**

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em Pedagogia da Universidade
Estadual do Piauí – UESPI, como requisito
parcial para obtenção do grau de licenciadas
em Pedagogia.

Teresina, 8 de janeiro de 2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Me. Umbelina Saraiva Alves (UESPI)
Orientadora

Prof. Dr. Robson Carlos da Silva (UESPI)
Examinador

Profa. Dra. Maria Goreti da Silva Sousa (UESPI)
Examinadora

Dedicamos esse trabalho às nossas famílias pela força e apoio. Muitas foram as dificuldades durante esse processo, mas conseguimos, graças a Deus, a Ele toda glória.

AGRADECIMENTOS

Eu, Ana Gabriela Sousa, agradeço primeiramente a Deus por ter guiado meus passos desde a escolha do curso até aqui, a tão estimada formação no ensino superior.

Agradeço a instituição UESPI, por proporcionar uma formação de qualidade e pelo suporte que foi dado durante todo o curso.

Aos meus pais, Mauro e Marinalva, por nunca terem deixado faltar o essencial para minha formação, os valores e uma educação de qualidade.

Ao meu companheiro Luís Ricardo pelo apoio, pelo auxílio e incentivo diário e por sempre ter acreditado na minha capacidade e ao meu filho Lorenzo que trouxe alegria, luz e esperança nos dias mais desafiadores desse processo.

Aos meus sogros, Luís e Cláudia, pela assistência que me foi dada, pois como aluna e mãe, precisei de todo apoio para cumprir com as atividades da Universidade.

À todos os professores, em especial, minha professora e orientadora Umbelina Saraiva Alves, pela sensibilidade e presteza, por fazer parte da minha formação e por ter sido essencial no processo de orientação do nosso trabalho.

Por fim, a mim mesma que apesar das dificuldades e dos obstáculos que surgiram nessa jornada, nunca desisti.

Eu, Elane Azevedo Viana, agradeço a Deus pela força, sabedoria e saúde concedidas ao longo dessa jornada, iluminando meu caminho mesmo nos momentos mais desafiadores.

A minha mãe Ivonildes pela base sólida de valores e pelo apoio incondicional em cada etapa da minha vida. Ao meu pai Antônio José (*in memoriam*) minha gratidão eterna por me dar amor e ensinar o valor do estudo e da leitura.

Aos meus filhos amados: Gabriel, Zayra e Giselly, que são minha maior inspiração e motivação para seguir em frente. Aos meus irmãos, Cássia e Sidnei, pelo carinho, companheirismo e incentivo constantes.

Estendo também minha gratidão a todos os meus professores que me acompanharam até essa etapa, em especial, à professora Umbelina Saraiva Alves, pelo conhecimento compartilhado, pela paciência e pela orientação que foram fundamentais para a realização deste trabalho. A todos o meu muito obrigada.

Para entender o que o outro diz, não basta entender suas palavras, mas também seu pensamento e suas motivações.

Lev Vygotsky

RESUMO

O presente estudo aborda sobre o Tema: Desafios e dificuldades dos professores no processo de alfabetização de crianças de 1º e 2º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública municipal em Teresina. Para nortear a realização do estudo, constituiu-se o seguinte problema de pesquisa: Quais os desafios e dificuldades enfrentados no processo de alfabetização por professores que atuam no 1º e 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal em Teresina-PI? O trabalho teve como objetivo geral: analisar no contexto de uma escola pública municipal em Teresina- PI, os desafios e dificuldades de professores no processo de alfabetização de crianças de 1º e 2º ano do Ensino Fundamental. De modo específico, objetivou: conhecer, na perspectiva dos professores de 1º e 2º ano, as dificuldades de aprendizagem dos alunos no processo de alfabetização; descrever os desafios enfrentados pelos professores com crianças no processo de alfabetização; e discutir os sentimentos dos professores alfabetizadores com os resultados de sua prática docente. As escolhas metodológicas utilizadas foram a abordagem qualitativa-descritiva e do tipo estudo de campo em quatro turmas do ciclo de alfabetização, sendo 2 (duas) do 1º ano e 2 (duas) do 2º ano, em uma escola municipal localizada na zona Norte de Teresina. Com isso, os dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas, envolvendo 4 (quatro) professoras. Para a compreensão do objeto de estudo, os fundamentos teóricos permearam pela discussão acerca do processo histórico da alfabetização e as diferentes concepções que embasam as práticas alfabetizadoras, discutiu-se ainda sobre os desafios da alfabetização. Para tanto, contou com a contribuição de autores, dentre os quais, destacou-se: Ferreiro (1985), Freire (1996), Maciel (2013), Soares (2022) e Vygotsky (1984), dentre outros. Os resultados do estudo revelam que, na concepção docente, os alunos apresentam diferentes dificuldades de aprendizagem em torno da alfabetização, como compreensão fonológica e concentração. Além disso, muitas dificuldades foram apontadas pelas professoras, a exemplo da falta de apoio familiar que impactam na qualidade do trabalho docente e, por conseguinte, culminam em desafios para os resultados no processo alfabetizador.

Palavras-chave: processo de alfabetização; desafios; dificuldades de aprendizagem.

ABSTRACT

The present study addresses the topic: Challenges and difficulties faced by teachers in the literacy process of children in the 1st and 2nd year of elementary school in a municipal public school in Teresina. To guide the study, the following research problem was created: What are the challenges and difficulties faced in the literacy process by teachers working in the 1st and 2nd year of Elementary School at a municipal public school in Teresina-PI? The general objective of the work was to: analyze, in the context of a municipal public school in Teresina-PI, the challenges and difficulties faced by teachers in the literacy process of children in the 1st and 2nd year of Elementary School. Specifically, it aimed to: understand, from the perspective of 1st and 2nd year teachers, students' learning difficulties in the literacy process; describe the challenges faced by teachers with children in the literacy process; and discuss the feelings of literacy teachers with the results of their teaching practice. The methodological choices used were a qualitative-descriptive approach and a field study in four classes of the literacy cycle, 2 (two) from the 1st year and 2 (two) from the 2nd year, in a municipal school located in the area North of Teresina. Therefore, data were collected from semi-structured interviews, involving 4 (four) teachers. To understand the object of study, the theoretical foundations permeated the discussion about the historical process of literacy and the different conceptions that underpin literacy practices, and the challenges of literacy were also discussed. To this end, it counted on the contribution of authors, including: Ferreiro (1985), Freire (1996), Maciel (2013), Soares (2022) and Vygotsky (1984), among others. The results of the study reveal that, in the teaching conception, students present different learning difficulties around literacy, such as phonological understanding and concentration. Furthermore, many difficulties were highlighted by the teachers, such as the lack of family support, which impacts the quality of teaching work and, therefore, culminates in challenges for results in the literacy process.

Keywords: literacy process; challenges; learning difficulties.

LISTA DE SIGLAS

ANA - Avaliação Nacional de Educação

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PNAIC - Pacto Nacional pela Alfabetização Na Idade Certa

PNE - Plano Nacional de Educação

SEA - Sistema de Ensino Aprendizagem

SEMEC - Secretaria Municipal de Educação

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 METODOLOGIA.....	14
2.1 Abordagem de pesquisa.....	14
2.2 Caracterização do contexto.....	16
2.3 Sujeitos do estudo.....	17
2.4 Técnica de coleta de dados.....	18
2.5 Procedimento de Análise dos dados.....	19
3 DISCUSSÃO TEÓRICA ACERCA DA ALFABETIZAÇÃO.....	21
3.1 Sobre o processo histórico de alfabetização.....	21
3.2 Concepções de alfabetização.....	24
4 EXERCÍCIO DOCENTE E AS DIFICULDADES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.....	27
4.1 A Alfabetização e seus desafios.....	27
4.2 Percepção docente sobre a prática alfabetizadora.....	32
5 PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO: RELAÇÃO ENTRE REALIDADE E POSSIBILIDADE.....	37
5.1 O olhar docente sobre as dificuldades dos alunos no processo de alfabetização.....	37
5.2 Desafios enfrentados por professores com crianças em dificuldade de alfabetização.....	41
5.3 Sentimentos docentes sobre os resultados da prática alfabetizadora.....	45
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICES.....	57

1 INTRODUÇÃO

Alfabetizar é uma tarefa complexa, pois muitas vezes o professor carece do apoio familiar diante das dificuldades apresentadas pelas crianças nessa etapa escolar. Desse modo, a parceria da escola com a família, de forma efetiva, pode promover o diálogo no intuito de buscar estratégias que possam ajudar aos alunos com problemas na aprendizagem e, com isso, colaborar com o trabalho do professor no seu exercício alfabetizador. Assim, o professor, na prática alfabetizadora, não estaria sozinho nesse processo para suprir as necessidades inerentes a esse contexto profissional.

Com base no exposto, destacamos que o presente estudo aborda sobre os desafios e dificuldades dos professores no processo de alfabetização de crianças de 1º e 2º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública municipal em Teresina. A reflexão sobre a temática foi o que direcionou à necessidade de investigação na perspectiva de buscar explicações, de forma pontual, acerca desses desafios e dificuldades. Para isso, buscamos no processo investigativo a resposta ao seguinte problema: Quais os desafios e dificuldades enfrentados no processo de alfabetização por professores que atuam no 1º e 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal em Teresina-PI?

Nesse sentido, o trabalho tem por objetivo geral: Analisar, no contexto de uma escola pública municipal em Teresina - PI, os desafios e dificuldades de professores no processo de alfabetização de crianças de 1º e 2º ano do Ensino Fundamental. A partir desse objetivo, foram delimitados, de modo específico, os objetivos que seguem: a) conhecer, na perspectiva dos professores de 1º e 2º ano, as dificuldades de aprendizagem dos alunos no processo de alfabetização; b) descrever os desafios enfrentados pelos professores com crianças no processo de alfabetização; e c) discutir os sentimentos dos professores alfabetizadores com os resultados de sua prática docente.

É oportuno esclarecer que no período correspondente à alfabetização escolar, em geral, nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, muitos alunos apresentam dificuldades que, diagnosticadas previamente, são trabalhadas em conjunto ao envolver o professor, a escola e por extensão, a família. A partir dessa constatação, destacamos que o interesse pela temática, surgiu no âmbito da prática e experiências

vivenciadas por nós pesquisadoras nos estágios, tanto em escolas públicas e privadas, que tinham como cenário as turmas de alfabetização.

Durante essas vivências, foi possível observarmos que muitas vezes como professores alfabetizadores nos encontramos desmotivados, com ampla demanda dentro da sala de aula, tendo em vista que precisamos lidar com a multiplicidade de níveis de desempenho das crianças, além da parte comportamental, considerando a falta de suporte auxiliar, o que, em geral, torna nosso trabalho de alfabetizador ainda mais desafiador. Além disso, no decorrer do ano letivo, existe a constante cobrança do próprio sistema educacional e da família, por resultados na aprendizagem das crianças, objetivadas nas provas e nos testes de nível realizados na escola.

Nesse sentido, entendemos a necessidade de maior suporte para o professor alfabetizador exercer sua prática pedagógica, de modo a abranger a sala de aula como um todo, o que consiste em todas as crianças alfabetizadas. No entanto, existem necessidades específicas de alunos na turma que precisam ser trabalhadas, para que, de fato, ocorra a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças. Para tanto, entendemos ser preciso ouvir o professor sobre seu posicionamento e suas experiências, bem como, os desafios enfrentados diariamente, para que seja possível compreender, a partir de sua realidade acerca da prática pedagógica de alfabetização, a necessidade de apontar possibilidades que atendam suas demandas.

Existem várias pesquisas¹ vinculadas à discussão acerca das práticas pedagógicas alfabetizadoras. Em síntese, os estudos apontam como consideramos importante a conexão escola e família, assim como o apoio governamental com a inclusão de auxiliares de turmas, devido ao quantitativo de alunos por classes, por considerarmos que alunos do 1º e 2º ano contemplam uma fase tão necessária para a finalização da alfabetização e letramento.

A partir do exposto, ressaltamos que este estudo tem relevância pessoal, acadêmica e social, por contribuir com nossa vivência no contexto dos estágios durante as práticas pedagógicas alfabetizadoras, possibilitando discussões durante o processo formativo acerca da alfabetização por futuros professores. Além disso, o impacto recai tanto nos alunos, que dependem dessas práticas para seu desenvolvimento cognitivo e social, quanto nos/as professores/as, que enfrentam uma sobrecarga de trabalho, muitas vezes sem os recursos necessários para atender

¹ A exemplo, os estudos desenvolvidos por Brito (2007), Scos (2018) e Lima (2015).

adequadamente às demandas da sala de aula, sendo importante essa proximidade com o objeto de estudo para maior esclarecimento dos desafios docentes.

No âmbito social, a qualidade da educação e as práticas pedagógicas adotadas influenciam diretamente o desenvolvimento da sociedade. No entanto, a ausência de políticas de apoio aos educadores e a falta de recursos pedagógicos adequados prejudicam esse objetivo. Desse modo, cria desafios adicionais para a alfabetização e o aprendizado, que necessitamos para refletir sobre essa questão e que promova condições viáveis que estimulem os professores a serem vistos pelas instituições formadoras com intuito de melhoria na qualidade de ensino.

Em termos de organização, este texto está assim estruturado: introdução, 1 (uma) seção metodológica, 2 (duas) seções de referencial teórico, 1 (uma) seção de análise dos dados, bem como as considerações finais.

No texto introdutório, foi apresentado a justificativa pela escolha do objeto de estudo, o problema e os objetivos que delinearam o desenvolvimento da pesquisa, a relevância do estudo e a estrutura do texto. Na seção seguinte, apresentamos a seção metodológica, com destaque para o tipo de pesquisa, os sujeitos e o campo de realização do estudo, bem como as técnicas usadas para produção e análise dos dados.

Nas duas seções que tratam do referencial teórico, intitulamos “Discussão teórica acerca do processo de alfabetização” e “Exercício docente e as dificuldades no processo de alfabetização”, respectivamente. A primeira traz um resumo da história da alfabetização e suas concepções, enquanto a seção seguinte aborda os desafios encontrados durante o processo de alfabetização de crianças e a percepção docente frente a estes. Para tanto, remetemos a uma melhor compreensão a partir de autores, dentre os quais, destacamos: Ferreiro (1985); Freire (1996); Maciel (2013), Soares (2020), Vygotsky (1984), dentre outros.

Na quinta seção trazemos as análises dos dados que produzimos e organizamos através de 3 eixos temáticos que possibilitaram reflexões sobre a prática alfabetizadora a partir do olhar docente. Com isso, percebemos quais são as eventuais dificuldades dos alunos na alfabetização e como é para o professor mediar esse processo para o alcance de resultados satisfatórios. Além disso, evidenciamos os desafios vividos na prática pelas professoras, os sentimentos manifestados e como isso influencia no exercício em sala de aula.

Por fim, na última seção, apresentamos as considerações finais com os resultados das análises baseados nos objetivos traçados, além de sugestões para ajudar no problema apontado na pesquisa.

2 METODOLOGIA

Após a parte introdutória do referido trabalho, é necessário seguir com os procedimentos metodológicos que vão de alcance aos objetivos estabelecidos, estes se baseiam na análise e na organização dos processos da pesquisa, permitindo por meio do estudo, a aquisição de conhecimento científico. A metodologia do presente trabalho conta com alguns componentes, dentre estes estão: abordagem da pesquisa, caracterização do contexto, interlocutores do estudo e instrumentos de coleta de dados.

2.1 Abordagem de pesquisa

De acordo com Gil (2002), os diferentes tipos de pesquisa são utilizados para obter resultados de problemas propostos que não dispõem de informações suficientes, sua classificação e abordagem são desenvolvidas de acordo com o objetivo do pesquisador, mediante métodos e procedimentos científicos também ao seu critério, que deve levar em consideração a finalidade de seu trabalho, bem como, o objeto de seu estudo.

A referida pesquisa foi classificada em abordagem qualitativa para que se possa estudar um ambiente na realidade e descobrir como as pessoas enfrentam os desafios em tal ambiente. Essa abordagem de pesquisa estuda aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano que não são quantificáveis em equações e estatísticas.

Assim, para Minayo (2001, p. 14):

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Dessa forma, esse tipo de pesquisa torna o trabalho mais profundo em detalhes pelas informações ricas que são colhidas no diálogo e na prática real de conhecimento sobre o objeto de estudo.

Conforme Bogdan e Biklen (1994, p. 47-50), existem cinco aspectos que integram a abordagem qualitativa, sendo eles:

1 Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. [...] 2 A investigação qualitativa é descrita. [...] 3 Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos. [...] 4 Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. [...] 5 O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

A partir do exposto, entende-se, portanto, que é preciso conhecer a pessoa dentro da sua realidade; retratando suas perspectivas e interpretando seu contexto em colaboração com os estudos, fontes e conceitos existentes. Desse modo, a investigação auxilia para um estudo mais próximo da realidade, com a devida liberdade para os sujeitos expressarem seu ponto de vista sobre a temática. Destarte, é preciso que haja empatia por parte das pesquisadoras ao analisar o contexto no qual os sujeitos estão inseridos.

Ainda sustentados pelos autores em referência, ressaltou-se que esse trabalho, quanto aos objetivos, também se enquadra no método de investigação descritiva. A esse respeito, Bogdan e Biklen (1994, p. 48) afirmam:

Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações de entrevistas [...]. Os investigadores tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto possível, a forma em que estes foram registrados os transcritos. [...] Ao recolher dados descritivos, os investigadores qualitativos abordam o mundo de forma minuciosa.

A partir do exposto, pode-se entender que a pesquisa descritiva traz dados que não são quantificáveis e busca no seu sentido literal, descrever as características do objeto de estudo e os resultados atingidos com a investigação.

Como segundo ponto, as pesquisadoras optaram pela pesquisa de campo, assim descrita por Andrade (2009, p. 133):

A pesquisa de campo utiliza técnicas específicas, que tem o objetivo de recolher e registrar, de maneira ordenada, os dados sobre o assunto em estudo. As técnicas específicas da pesquisa de campo são aquelas que integram o rol da documentação direta: a observação direta e a entrevista.

Esse tipo de pesquisa proporciona uma coleta de dados mais próxima da realidade, já que é feita de forma direta. Segundo Gil (2002), a pesquisa de campo é

realizada a partir das atividades de um determinado grupo de pessoas, em que pode ser usada a entrevista para coletar informações e interpretações sobre a temática abordada no contexto que o grupo estudado está inserido. Por isso, foi necessário o empenho das pesquisadoras para a compreensão dessa realidade com efetiva participação e disponibilidade de tempo. Ainda sobre a pesquisa de campo, Gil (2002, p. 53) afirma:

O estudo de campo apresenta algumas vantagens em relação principalmente aos levantamentos. Como é desenvolvido no próprio local em que ocorrem os fenômenos, seus resultados costumam ser mais fidedignos. Como não requer equipamentos especiais para a coleta de dados, tende a ser bem mais econômico. E como o pesquisador apresenta nível maior de participação, torna-se maior a probabilidade de os sujeitos oferecerem respostas mais confiáveis.

Dessa forma, é imprescindível o empenho e participação do pesquisador para obter dados confiáveis, além disso, esse tipo de abordagem é uma das mais usadas para a realização de estudos acadêmicos, pois, sua vantagem é justamente que o pesquisador compreenda a problemática de maneira mais próxima, garantindo um maior envolvimento.

2.2 Caracterização do contexto

Entende-se por contexto empírico o local de escolha para o levantamento de dados necessários para a produção deste estudo de campo, optou-se por uma escola, localizada na zona Norte do município de Teresina-Piauí. A escola é da rede pública de educação, mantida pela prefeitura de Teresina e administrada pela Secretaria Municipal de Educação. A escolha deste local ocorreu através da participação de uma das pesquisadoras no programa Residência Pedagógica, no qual ela ficou lotada na escola em uma turma de alfabetização e vivenciou na prática o objeto de estudo da referida pesquisa.

A Escola Municipal fica localizada em um bairro de classe popular, oferece a educação básica, trabalhando apenas a formação do Ensino Fundamental Menor, com turmas do 1º ano ao 5º ano do Ensino Fundamental, crianças com idade entre 6 (seis) a 12 (doze) anos de idade com o funcionamento de maneira parcial, nos turnos manhã e tarde. A escola atende a crianças de baixa renda que moram nas imediações, que compreendem os bairros periféricos de Teresina.

A Escola possui um ambiente amplo, com bastante espaço para recreação e as salas são grandes, contribuindo para um ambiente adequado ao aprendizado. São 30 turmas entre manhã e tarde, atendendo em média a 890 (oitocentos e noventa) alunos, possui 5 (cinco) turmas de 1º ano, sendo 3 (três) pela manhã e 2 (duas) pela tarde e possui 7 (sete) turmas de 2º ano, sendo 3 (três) pela manhã e 4 (quatro) pela tarde, que atende em média 25 (vinte e cinco) a 30 (trinta) alunos por turma.

O corpo docente da escola é composto por um grupo expressivo de professores, que possuem formação conivente a sua modalidade de ensino, além de terem sua formação continuada de forma mensal e quinzenal que acontecem no Centro de Formação do Município e busca métodos que facilitem as necessidades dos professores nas rotinas do seu cotidiano.

2.3 Sujeitos do Estudo

Os sujeitos que foram entrevistados na pesquisa constituem a comunidade e foi conforme a escolha das pesquisadoras, tal escolha não foi aleatória, foi necessária a definição de critérios para o levantamento de dados, pois os sujeitos é que auxiliaram o pesquisador nesse processo (Minayo, 2001). Nesse sentido, as pesquisadoras optaram pelas professoras do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental, efetivas da rede municipal e com formação em Pedagogia, apenas uma não tem a graduação por possuir o antigo pedagógico, mas foi necessário a inclusão para cumprir com a quantidade de amostra dos entrevistados.

A escolha de entrevistar as professoras do 1º e 2º ano de Ensino Fundamental, tem por objetivo alcançar os resultados da pesquisa, pois, são uma fonte rica de informações que favoreceram a análise quanto ao assunto proposto.

Como interlocutores da pesquisa, as pesquisadoras optaram por escolher 4 (quatro) professoras alfabetizadoras, sendo duas de cada ano escolar, a saber, primeiro e segundo ano. Os nomes das entrevistadas não foram evidenciados, a fim de preservar a identidade delas. Por isso, foram utilizados os seguintes nomes fictícios para discriminá-las: Bel, May, Lia e Pat.

A seguir, no Quadro 1, apresenta-se a caracterização das professoras participantes do estudo:

Quadro 1: Caracterização dos sujeitos da pesquisa

SUJEITOS	FORMAÇÃO	TEMPO DE DOCÊNCIA	TURMA QUE LECIONA	TURNO
BEL	LICENCIATURA EM PEDAGOGIA E ESP EM GESTÃO E DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR	11 ANOS	1º ANO	MANHÃ E TARDE
MAY	LICENCIATURA EM PEDAGOGIA E ESP EM AEE	20 ANOS	2º ANO	MANHÃ E TARDE
LIA	MAGISTÉRIO E ESP EM GESTÃO PEDAGÓGICA	17 ANOS	2º ANO	MANHÃ E TARDE
PAT	PEDAGOGIA E ESP EM PSICOPEDAGOGIA	18 ANOS	1º ANO	MANHÃ E TARDE

Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

O quadro acima informa os nomes fictícios escolhidos para designar as professoras entrevistadas, juntamente com o perfil de cada uma; três delas têm formação em Pedagogia e uma tem o Magistério com especialização em Gestão Pedagógica. Todas as professoras acima entrevistadas trabalham os dois turnos na escola municipal e têm acima de dez anos de formação, sendo Bel a que tem menos tempo de docência.

2.4 Técnica de coleta de dados

Para a construção de um trabalho de pesquisa são necessárias técnicas para a obtenção dos dados necessários. Dessa forma, para coleta a técnica usada, como dito anteriormente, foi a entrevista semiestruturada, em que previamente foi elaborado um roteiro para nortear a entrevista. Para Marconi e Lakatos (1999, p. 94), a entrevista é o “encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto”, neste caso, o presente trabalho se encaixa como pesquisa em que as questões são realizadas conforme o seguimento da conversa. Foram realizados estudos bibliográficos e as entrevistas, visando poder traçar um paralelo entre o que foi estudado teoricamente e o que foi analisado na prática.

Como dito anteriormente, a pesquisa qualitativa consiste na utilização da técnica da entrevista, que foi utilizada para a recolha de informações descritivas, por meio de uma conversa intencional, permitindo ao investigador ter uma ideia de como o sujeito interpreta o ambiente (Bogdan; Biklen, 1994). A entrevista constitui um instrumento eficaz para obter informações e dados, mas deve ser bem elaborada, bem realizada e interpretada, para isso, é necessário definir os objetivos e os tipos de entrevista e como ela será planejada e executada (Andrade, 2009).

Entre todas as técnicas de investigação, a entrevista é a que apresenta maior flexibilidade. Assim, para Gil (2002, p. 117),

Pode caracterizar-se como informal, quando se distingue da simples conversação apenas por ter no objetivo básico a coleta de dados. Pode ser focalizada, quando, embora livre, enfoca tema bem específico, cabendo ao entrevistador esforçar-se para que o entrevistado retorne ao assunto após uma digressão. Pode ser parcialmente estruturada, quando é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorar ao longo do seu curso. Pode ser totalmente estruturada quando se desenvolve a partir de relação fixa de perguntas.

Optou-se pela entrevista semiestruturada, que consiste em uma conversa aberta. Embora exista um roteiro com questões específicas sobre o assunto de forma que esclareça a conduta do entrevistado, ele tem liberdade para expressar-se e com isso podem surgir perguntas conforme o que o entrevistado vai falando, a fim de coletar dados importantes para o conteúdo da pesquisa (Marconi *apud* Andrade, 2009).

2.5 Procedimento de análise dos dados

Concebendo ser uma pesquisa qualitativa-descritiva, cujo problema consiste em analisar a relação cotidiana vivida entre professor e aluno, visa dessa maneira destacar principalmente os desafios encontrados pelos alfabetizadores nos dois primeiros anos iniciais do ensino fundamental, busca dessa forma conhecer no ambiente real a contenda existente entre as práticas do professor e a falta do apoio que necessita para realização dessas práticas com seus alunos.

Nesse sentido, optou-se se pelo estudo de campo, pois permite o contato com o objeto de estudo, exploração da realidade, coleta de dados primários que na visão de Andrade (2009), é um método de investigação empírico, em que o pesquisador tem

o contato direto com o ambiente ou fenômeno que está sendo estudado, possibilitando a análise do contexto de experiências e desafios de forma concreta. Foi escolhido realizar uma entrevista semiestruturada com um roteiro pré-estabelecido, mas com flexibilidade para os sujeitos entrevistados se posicionarem de maneira aberta ao se tratar do objeto de estudo.

Uma técnica importante é a análise de conteúdos em se tratando de pesquisa qualitativa, assim compreende os dados textuais, visuais e verbais. Nas práticas educativas, ela é utilizada para analisar discursos, entrevistas e outros materiais que se relacionam com o ensino aprendizagem, a fim de poder compreender como as práticas pedagógicas influenciam os professores e seus alunos. Essas práticas podem ser utilizadas pelos educadores em diversas áreas como: na interação em sala de aula, no ambiente de aprendizado e nas metodologias aplicadas a essas crianças.

Através da análise de conteúdos pode-se identificar temas recorrentes nas respostas dos professores e isso permite que haja uma melhor compreensão dos desafios enfrentados e as percepções dos professores sobre o processo de aprendizagem. Sendo assim, Bardin (2011, p. 39) caracteriza esse procedimento como:

Uma técnica de pesquisa que visa a interpretação de mensagens em função do contexto em que ocorrem. Esta abordagem permite identificar, a partir dos textos analisados, os significados e categorias emergentes que refletem aspectos relacionados à prática educativa e aos desafios enfrentados pelos educadores.

Pode-se assim compreender a abrangência da análise de conteúdo e como os discursos, os desafios e práticas educativas são enfrentados pelos professores ao lidar com o ensino aprendizagem.

3 DISCUSSÃO TEÓRICA ACERCA DA ALFABETIZAÇÃO

A evolução da alfabetização no Brasil reflete mudanças profundas na maneira como a sociedade entende o papel da formação da leitura e da escrita, essas habilidades eram apenas para a minoria da sociedade da época. Após o renascimento e a democratização da leitura, as pessoas puderam ter mais acesso à informação, mesmo com a alfabetização ainda sendo limitada à elite. A revolução industrial no século XIX, impulsionou os movimentos de alfabetização, pois o trabalho e o progresso exigiam o mínimo de conhecimento. No século XX, autores como Paulo Freire propõem uma alfabetização crítica, que fosse além da mecanização da leitura e escrita. Com o surgimento de abordagens construtivistas, foi se ampliando o entendimento sobre a alfabetização. Atualmente, a alfabetização é vista como multifacetada e complexa, envolve não apenas a leitura e a escrita, mas também como estar preparado de forma a ser uma pessoa crítica, construindo um ser alfabetizado e ativo na sociedade, reforçando o papel emancipatório da educação.

3.1 Sobre o processo histórico de alfabetização

A alfabetização passou por diversas fases ao longo dos anos, nesta seção, comentou-se sobre a evolução da alfabetização, seu histórico e conceito. É preciso considerar que a evolução do conceito e concepção de alfabetização está diretamente ligada às mudanças sociais e econômicas da sociedade ao decorrer das décadas. Até meados dos anos 40 no Brasil eram considerados alfabetizados aqueles que sabiam escrever o próprio nome, a partir dos anos 50 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) identifica como brasileiro alfabetizado, a pessoa capaz de ler e escrever um bilhete simples. A evolução na concepção de alfabetização está diretamente ligada a mudanças que afetam a sociedade gerando novas necessidades para as pessoas, principalmente ligadas ao trabalho.

De acordo com Maciel (2013), nos anos 60, com a industrialização, tornou-se necessário que o trabalhador aprendesse a decodificar mensagens na fábrica e nas ruas usando a escrita de forma mais progressiva. Por se tratar da classe popular, nesse período houve o crescimento das escolas públicas, assim, percebeu-se a escola como responsável por preparar as pessoas para as imposições da sociedade, com isso, surge também a necessidade de investimento para a formação de

professores. Nesse mesmo período, houve também um movimento de alfabetização de adultos liderado pelo educador Paulo Freire, com objetivo de alfabetizar um grupo de pessoas em um tempo reduzido, utilizando de um método em que a partir das palavras que eram do uso cotidiano daquelas pessoas, seria possível ampliar seu vocabulário.

Desde essa época, a alfabetização foi bastante discutida por educadores, devido sua complexidade e por muitas vezes seus resultados não serem efetivados, sobretudo, com crianças oriundas de famílias mais pobres. Ao final dos anos 70, com a busca por democratização, o ato de ler e escrever foi relacionado ao desenvolvimento social do indivíduo e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, contribuindo para aquisição da consciência crítica dos alunos.

No olhar de Soares (2022), a alfabetização é uma condição para a progressão da escolarização nas demais áreas e níveis, os resultados da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA, 2016), mostram que mais da metade (54,75) de crianças da 3ª série dos anos iniciais foram avaliados como “nível insuficiente”, quando já teriam pelo menos os três anos de escolarização básica e já estariam aptas para a leitura e interpretação de pequenos textos. Ainda de acordo com Soares (2022, p. 9),

Se olharmos historicamente, o fracasso em alfabetização tem sido uma constante na educação pública brasileira. Para não retrocedermos muito, em 1982, mais da metade das crianças repetia a 1ª série, considerada então como o “ano da alfabetização”. Repetiam uma vez duas vezes, três vezes até que fossem consideradas alfabetizadas, capazes de decodificar e codificar palavras.

A partir da década de 1980, houve uma nova concepção que mudou a história da alfabetização, foi o que conhecemos por construtivismo, os métodos de alfabetização passaram a ser analisados, visando diminuir o fracasso da escola na alfabetização das crianças. O pensamento construtivista passou a ser introduzido, na tentativa de solucionar esta questão. Tal pensamento foi resultado das pesquisas sobre psicogênese da língua escrita, desenvolvida pela pesquisadora argentina Emília Ferreiro. A teoria da *psicogênese da língua escrita*, consiste em compreender que antes de chegar na fase da escrita é preciso passar por processos e reflexões sobre a linguagem, considerando sempre que a partir da escrita outros processos e reflexões passam a ser constituídos. Para entender a maneira como a criança aprende, Ferreiro (1985, p.19) considera que,

[...] a aquisição da língua escrita pela criança é vista como um processo psicogenético, que se inicia antes da escolarização e segue uma linha de evolução surpreendentemente regular, através de diversos meios culturais, de diversas situações educativas e de línguas.

Neste caso, compreende-se que a criança passa por fases até chegar ao entendimento da língua escrita, visto que nosso alfabeto é fonético, a criança passa por um processo desde que inicia sua fala, a partir disso, ela faz a relação fonema/grafema pela mediação do professor, que deve saber o nível de escrita da criança e deve usar as técnicas certas para avançar dependendo de qual seja o nível.

Segundo Vygotsky (1984, p. 95), “O processo de desenvolvimento prepara e torna possível um processo específico de aprendizagem. O processo de aprendizagem, então, estimula e empurra para a frente o processo de desenvolvimento.” Dessa forma, o desenvolvimento e a aprendizagem da criança se complementam, tornando necessária a mediação pedagógica na escola e com a família em casa, para que, considerando o nível de desenvolvimento que aquela criança já alcançou, seja estimulado pelos professores e com a ajuda dos pais a aprendizagem esperada para aquela fase e assim progredir no processo de desenvolvimento no que compete a aquisição da leitura e escrita. O autor sustenta que:

A zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

Nesse sentido, entende-se como o intervalo entre o nível que a criança já alcançou e a sua capacidade de alcançar o próximo nível. Vygotsky, traz o conceito da *zona de desenvolvimento proximal ou potencial*, que é onde o aprendizado acontece, sobre a qual o professor pode atuar estimulando o processo de desenvolvimento, e agindo sob o potencial que pode ser alcançado pela criança, por meio da interação e orientação. Esse conceito destaca que a aprendizagem antecede o desenvolvimento por depender da interação entre o indivíduo e o ambiente social.

Conforme Abreu e Paim (2016), nos anos 1990, a educação básica tinha a finalidade de preparar os jovens para o mercado de trabalho, tendo em vista que o Brasil lutava para conseguir uma estabilidade econômica, diminuindo a desigualdade

social e as taxas de analfabetismo. Nesse período, era defendido a educação mínima, visando as pessoas mais pobres e atendendo a realidade imediata do aluno que no caso seria a alfabetização. Conforme o contexto, o professor passou a adotar métodos para tornar a aprendizagem menos trabalhosa e mais rápida.

O Brasil, nesse período, passava por muita dificuldade com a alfabetização, os índices de analfabetismo entre jovens e adultos eram altos, e de acordo com o “Plano Decenal de Educação para Todos” (1993) a cada 1000 crianças que iniciavam a vida escolar, apenas 45 completavam o ensino sem reprovar. Torres (1990, p. 153) sustenta que a tentativa de diminuir o analfabetismo, explica a real dificuldade em assumi-lo como “uma problemática infantil, vinculada às deficiências de acesso e qualidade da escola primária.”

Nos anos 2000, a alfabetização no Brasil foi marcada por avanços, desafios e transformações em políticas públicas, metodologias de ensino e iniciativas sociais. Em 2001, foi instituído o Plano Nacional de Educação (PNE) estabelecendo metas para a erradicação do analfabetismo e universalização do ensino fundamental. Este período reflete o esforço do país para reduzir o analfabetismo e garantir o acesso universal à educação básica de qualidade.

3.2 Concepções de Alfabetização

A partir do ano de 2003, foi considerada a década da alfabetização pela UNESCO, com objetivo de levar educação para todas as pessoas através de políticas públicas e diminuir o índice de analfabetismo. Nesse contexto, uma edição publicada pelo ministério da educação e cultura, em maio de 2003, designada “alfabetização como liberdade” mostra uma nova concepção de alfabetização para década quando assegura:

Hoje a concepção que a Unesco tem da alfabetização é, desse modo, mais ampla. É ampla quanto ao tempo necessário ao domínio de conhecimentos e competências, no que se refere às novas e variadas linguagens utilizadas modernamente, quanto aos caminhos para atingir os objetivos, assim como em relação a flexibilidade e a diversificação de públicos (UNESCO - MEC, 2003, p. 9).

Essa concepção remete a diversificação de públicos por idade e que existe uma variedade de formas e métodos para realizar a aprendizagem dos alunos, específicos

para cada idade. Nessa década, foi instituído pelo governo federal por meio da portaria nº 867 de 04 de julho de 2012 o PNAIC, que é um programa voltado para melhoria da alfabetização no país e tem por objetivo alfabetizar todas as crianças brasileiras até o final do terceiro ano do ensino fundamental menor, ou seja, até os 8 anos de idade da criança.

A alfabetização é um processo de aprendizagem que compreende a um conjunto de atividades com o objetivo de desenvolver a habilidade de ler e escrever, dessa forma, o aluno adquire e domina o código alfabético, utilizando-se da memorização do alfabeto, do reconhecimento das letras, dos sons das letras, sendo capaz de formar sílabas e construir palavras, tornando o apto para a leitura e escrita. Segundo, Soares (2022, p. 27):

Alfabetização é o processo de apropriação da “tecnologia da escrita”, isto é um conjunto de técnicas necessárias para a prática da leitura e da escrita: domínio do sistema alfabético e das normas ortográficas; habilidades motoras para o uso de instrumentos de escrita e manipulação correta e adequada dos suportes em que se escreve e nos quais se lê.

Essa apropriação do sistema alfabético começa desde o primeiro contato da criança com a linguagem e a escrita, construindo e reconstruindo hipóteses de cada novo conhecimento que ela obtém. Dessa maneira, para chegar na alfabetização é preciso uma série de conhecimentos prévios e habilidades a serem desenvolvidas pelo aluno, assim, como defende a teoria piagetiana de que é necessário um desenvolvimento e maturação mental para que se possa passar para as outras fases de aprendizagem. Dessa forma, o aprendizado do sistema de escrita alfabético não se reduz ao simples domínio das relações de fonema e grafema, e sim a um processo ativo da criança desde sua fase de conhecimento de mundo. Freire (1995, p. 48), traz uma concepção de alfabetização que foge da forma tradicional. Para o autor:

O processo de aprendizagem na alfabetização está envolvida na prática de ler, de interpretar o que leem, de escrever, de contar, de aumentar os conhecimentos que já tem e de conhecer o que ainda não conhecem, para melhor interpretar o que acontece na nossa realidade, tornando o aluno a mola mestre do processo ensino aprendizagem.

O processo de alfabetização inicia desde a Educação Infantil, porém, é no 1º ano do Ensino Fundamental com crianças entre 6 e 7 anos que inicia o período que prepara as crianças para aprender a ler e escrever. Nesse sentido, levando em conta

as diferentes idades, é necessário que antes de iniciar esse processo se saiba os níveis de escrita de cada criança. Para Soares (2022, p. 57),

Diagnosticar o nível de compreensão da escrita em que se encontram as crianças, têm para alfabetização em situação escolar, objetivos pedagógicos: a partir desse diagnóstico, podem ser definidos procedimentos de mediação pedagógica que estimulem e orientem as crianças a progredir, avançar de um nível ao seguinte, atuando, nas palavras de Vygotsky, sobre sua *zona de desenvolvimento potencial*.

Com diferentes níveis de escrita dentro de uma sala de aula é preciso que haja uma abordagem em que todos sejam incluídos e envolvidos no processo. Muitas crianças sentem mais dificuldades devido ao próprio contexto social em que estão inseridas, não convivem com pessoas letradas ou alfabetizadas, não têm o devido acompanhamento da família nas tarefas escolares e todos esses fatores impactam nesse processo que apesar de parecer simples, sempre foi bastante complexo.

Alfabetizar exige estratégias direcionadas e compreensão do nível da turma e de cada aluno, respeitando o desenvolvimento das crianças e passando por cada fase. Para Freire (1996), o ato de ler e escrever começa com a socialização do sujeito e sua capacidade de entender o mundo. Com ensejo, é desse mesmo autor a expressão “A leitura do mundo precede a leitura da palavra.”

Nessa perspectiva, pode-se entender o desafio dessa prática para o professor/a alfabetizador/a levando em consideração a multiplicidade de níveis da turma, as dificuldades de aprendizagem individuais de cada criança, a falta de suporte auxiliar dentro de sala de aula e muitas vezes a falta do apoio escolar e familiar. Com isso, algumas crianças não adquirem o domínio da leitura e da escrita na fase apropriada e acabam seguindo as séries escolares mesmo sem o devido aprendizado. Desse modo, é importante salientar que existe um ciclo de alfabetização que compreende os 3 primeiros anos do Ensino Fundamental, em que se espera que até o final do segundo ano a criança esteja alfabetizada.

4 O EXERCÍCIO DOCENTE E AS DIFICULDADES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A partir da seção anterior, ao longo dos anos, nota-se uma evolução na história e conceito da alfabetização e percebe-se que sua garantia sempre vem sendo um desafio histórico e complexo, apesar dos avanços, das políticas criadas para melhoria das dificuldades que envolvem a alfabetização, entende-se que ainda é preciso um olhar reflexivo para essa situação na busca de compreender o porquê de atualmente tudo isso ainda é muito presente, sobretudo, em escolas da rede pública de educação. Nesse sentido, voltou-se o olhar ao professor/a alfabetizador/a que frequentemente carrega grande responsabilidade perante a alfabetização, quando na realidade sabemos que existem muitos outros fatores que contribuem para o sucesso ou o fracasso dos alunos nesse processo. Portanto, diante do que a sociedade contemporânea espera para educação das crianças, é importante que os/as alfabetizadores/as como profissionais à frente do processo, saiam da sua zona de conforto, passando a refletir sobre sua prática.

4.1 A alfabetização e seus desafios

No exercício docente da prática alfabetizadora, existem muitos desafios durante o processo, nesta subseção compreender-se-á alguns desses desafios e suas complexidades com relação às dificuldades de aprendizagem dos/as alunos/as, que ao longo deste estudo buscou-se conhecer e interpretar de acordo com o ambiente analisado.

Alfabetizar é ensinar o que uma criança precisa saber para prosseguir com sua escolarização. Portanto, o profissional que trabalha com isso, deve criar condições necessárias para que se sinta motivado e constantemente ter sua formação aprimorada com conhecimentos específicos para cada nível de desenvolvimento da sua criança. Seguindo o mesmo ponto de vista, para Almeida (2003), a alfabetização deve acontecer de forma igualitária de acordo com a singularidade de cada criança. Como já dito anteriormente, de acordo com o PNAIC (2012), o ciclo de alfabetização refere-se aos três primeiros anos do Ensino Fundamental, que é um período essencial para que a criança fortaleça aprendizagens sobre escrita, tenha habilidade de fazer,

ler e interpretar textos variados bem como conceitos em outras áreas. No entanto, para Melo e Tassoni (2024, p. 84),

A alfabetização é defendida na perspectiva do letramento [...] a necessidade de processos de alfabetização que se voltem não apenas para a aprendizagem do SEA, mas também para a capacidade de as crianças compreenderem o que leem, atribuindo significados, incorporando vivências e ampliando os seus conhecimentos.

É necessário que a criança desenvolva habilidades básicas na fala e comunicação que antecedem o processo de alfabetização, tais habilidades são adquiridas no convívio familiar e na interação com o mundo e as pessoas ao redor, a partir disso, entra o contexto escolar com o/a professor/a como mediador da aprendizagem.

Nesse sentido, uma das maiores dificuldades da alfabetização na atualidade foi a Pandemia do COVID 19², e suas implicações na educação, como as aulas remotas e o isolamento social, Melo e Tassoni (2024). De acordo, com uma pesquisa publicada pelo UNICEF (2023) sobre as dimensões da pobreza na infância e adolescência, houve uma piora na proporção de crianças de 7 anos de idade que não sabem ler e escrever saiu de 20% para 40% entre 2019 e 2022, especialmente entre crianças negras e aquelas afetadas pela pandemia durante o período fundamental de alfabetização.

Com isso, pode-se perceber o quanto a pandemia teve influência negativa e impactos que são sentidos até os dias de hoje na educação dessas crianças. No decorrer da história da educação, ocorre uma situação muito comum em escolas públicas, trata-se de muitas crianças percorrerem o processo de escolarização sem de fato estarem alfabetizadas, resultando em repetência escolar, déficit de aprendizagem em relação ao ano escolar cursado e evasão escolar, tornando a alfabetização um dos maiores desafios das escolas. Gatti (2020) afirma que o impacto da pandemia foi sentido em maior proporção pelas crianças pequenas e as que estavam em processo de alfabetização, tendo em vista, as necessidades e dificuldades metodológicas para esses níveis de desenvolvimento.

Destarte, segundo o caderno de apresentação do PNAIC, a progressão continuada é de suma importância na alfabetização, visto que a criança tem a

² Corona Virus Disease que começou a se propagar em 2019.

possibilidade de aprender conhecimentos específicos no 1º ano, aprofundá-los no 2º ano e seguir ao 3º sem tantas cobranças, garantindo os direitos de aprendizagem. Sem esta progressão, realmente é quase inevitável os casos de reprovação e isto “[...] logo no início da escolarização causa muita desmotivação, [...] geralmente, as crianças reprovadas tendem a continuar com dificuldades e, frequentemente, evadem mais facilmente da escola” (Brasil, 2012, p. 23).

Dessa forma, compreende-se que a multiplicidade de níveis de aprendizagem na turma de alfabetização, pode ser um desafio muito forte para o/a docente, levando em consideração a heterogeneidade da turma e o fato de não ser plenamente possível atender as necessidades específicas de cada aluno/a, sobretudo esses com um atraso no seu desenvolvimento ou com dificuldades de aprendizagem, sendo recomendado muitas vezes um reforço externo.

A escola deve aprender a gerir a heterogeneidade, reconhecendo as diferenças buscando formas de fazer com que cada aluno progrida a partir de seu nível, em vez de exigir que todos sigam o mesmo ritmo (Perrenoud, 2001, p. 57).

Como sustenta Perrenoud, a escola e os/as professores/as devem desenvolver competências para lidar com os/as alunos/as em diferentes níveis de aprendizagem, fazendo o uso de uma abordagem mais diferenciada no ensino, mas o mesmo autor considera que:

A colaboração entre a escola e a família é essencial, pois a educação não se limita aos muros da escola, a forma como a família valoriza a aprendizagem, acompanha o progresso do aluno e participa do projeto pedagógico tem um impacto decisivo na sua trajetória escolar. (2001, p. 84)

Portanto, a instituição sozinha ou a figura do/a professor/a não dá conta do avanço dos/as alunos/as no processo, é preciso apoio e participação, sendo este um dos desafios encontrados nas escolas: sobre a relação família/escola, é preciso qualidade nesse comportamento parental, para um melhor resultado na alfabetização.

As crianças que vivenciam dificuldades na aprendizagem escolar podem apresentar muitos riscos para aquisição de problemas de cunho emocional, cognitivo e comportamental, essas questões dentro da sala de aula são bastante desafiadoras ao docente, claramente existem outros percalços, como vulnerabilidade social em que as crianças vivenciam nesses contextos apresentam defasagem no desempenho e na

competência social, o pouco apoio pedagógico ao professor/a em sala de aula e as adversidades no período escolar podem acarretar um baixo rendimento escolar.

Como um modo de atender a esses desafios, o governo federal aprovou em 2023 o Decreto n. 11.556/2023, que instituiu o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, com objetivo alfabetizar todas as crianças até o final do segundo ano do Ensino Fundamental, através de programas, ações e políticas públicas, promovendo medidas para a recomposição das aprendizagens, com foco na alfabetização, priorizando as crianças que não alcançaram os padrões adequados de alfabetização (Brasil, 2023).

A partir desse Decreto, o que deve se esperar é realmente uma melhoria na educação, com a valorização do/a professor/a, implementação de materiais e recursos de qualidade, sistemas de avaliação que condizem com a realidade, monitoramento e uma boa gestão.

Existem pesquisas que falam sobre contribuições teóricas de autores tais como: Cambi (1999), Lemle (1988), Piaget (1997) e Pacheco (2006), constando-se que alguns dos desafios e dificuldades enfrentados pelo/a professor/a são: com relação a formação continuada, a falta de participação dos pais na vida escolar dos/as filhos/as e o alto índice de indisciplina na sala de aula, além da evasão escolar e muitas vezes a falta de importância por parte da família com a presença do/a aluno/a em sala.

É importante destacar que o/a aluno/a não pode ser visto mais como um sujeito passivo, mas como um sujeito ativo no processo de alfabetização, para que o/a alfabetizador/a possa desenvolver um trabalho coerente, com o foco nos alunos/as e seus conhecimentos; assim o/a professor/a compreende a importância desses conhecimentos construídos e conseguir enxergar seu/sua aluno com totalidade, com suas singularidades, suas dificuldades e fazer um bom uso das novas metodologias, pois se faz necessário usar mais de uma metodologia para se atingir os objetivos esperados.

De acordo com Soares (2018, p. 25):

Embora não se possa atribuir a uma só causa a persistência de problemas e controvérsias em torno de métodos de alfabetização, já que vários fatores relacionam-se com a questão, uma explicação prevalece sobre outras possíveis: métodos de alfabetização têm sido sempre uma questão porque derivam de concepções diferentes sobre o objetivo da alfabetização, isto é, sobre o que se ensina quando se

ensina a língua escrita.

Para uma boa compreensão dos desafios dos/as professores/as, uma reflexão se faz necessária, não apenas sobre as teorias que o/a educador/a se orienta para suas práticas pedagógicas, mas sobre todo um contexto em que se insere o/a aluno/a e o/a educador/a alfabetizador/a. De acordo com o que afirma Saviani (2000, p.35), a mentalidade pedagógica, se liga às concepções da sociedade em que os/as alunos/as estão inseridos, as escolhas pedagógicas se interligam aos contextos econômicos, políticos e históricos dos quais a sociedade está diretamente ligada; “Assim, numa sociedade determinada, dependendo das posições ocupadas pelas diferentes forças sociais, estruturam-se diferentes concepções, filosófico-educativas às quais correspondem específicas mentalidades pedagógicas.”

Para o/a professor/a que quer alfabetizar seus/suas alunos/as, abandonando os desafios que encontra diariamente, que consiga articular várias áreas do conhecimento na sociedade contemporânea; Collierio (2021, p.81) mostra em uma de suas obras, dimensões e questionamentos:

Mais especificamente, o que está em pauta são os seguintes questionamentos: na dimensão linguística, o que ensinamos quando ensinamos a ler e escrever? Na dimensão sociocultural, para quê (ou para quem) ensinamos a ler e escrever? Na dimensão cognitiva, como se aprende a ler e escrever? Na dimensão pedagógica, como se ensina a ler e escrever?

Para o/a professor/a que atua nos anos iniciais do ensino fundamental, não é fácil a caminhada, os desafios a serem enfrentados, principalmente em se tratando do setor público; os/as docentes lidam com muitos/as alunos/as nas salas, sobrecarga de trabalho, falta de recursos para trabalhar com sua turma de forma satisfatória às suas práticas, distanciamento familiar da vida escolar dos/as alunos/as e outros diversos fatores. Além das dificuldades na instituição, ainda se soma os problemas de saúde como: estresse, depressão, baixa autoestima, concretizando um cenário impactante negativamente, atingindo diretamente as práticas educativas, os métodos alfabetizadores, e o desenvolvimento intelectual dos/as alunos/as; atrapalhando de certa maneira as práticas que o/a professor/a alfabetizador/a necessita para um aprendizado eficaz, essencial para que os alunos tenham um desenvolvimento satisfatório.

A ideia de educação humanizada é aliada aos pensamentos de Freire que defendia uma educação libertadora, com condições adequadas para o bom desenvolvimento de práticas eficientes, onde o/a professor/a não é apenas um transmissor, mas também um facilitador no desenvolvimento crítico do/a aluno/a, fazendo com que a criança respeite a sua realidade, assim como suas experiências. A importância de condições dignas de trabalho deve ser vista como possibilidade de transformação social dessas crianças, e não apenas como executores de currículos pré-determinados. De acordo com Freire (1996, p.34),

Não há docência sem discência, e ambas se explicam mutuamente; quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Essa posição radicalmente dialógica é a que necessariamente sustenta a relação crítica que o professor ou professora deve ter com a sua prática.

Para que os desafios que hoje impedem uma alfabetização de qualidade, que seja democrática, humanizada, um conjunto de ações devem englobar diferentes níveis de gestão educacional como: Redução da carga horária de trabalho e tamanho das turmas com acompanhamento mais próximo e individualizado, contratação de mais assistentes de apoio e formação continuada, oferecendo formação em novas metodologias de alfabetização com cursos de formação continuada focados em métodos eficazes, gestão de sala de aula, incluir formação voltada a saúde mental dos docentes.

Portanto, as propostas de apoio à saúde mental dos/as professores/as, o envolvimento da família, a valorização profissional e a necessidade de recursos adequados são reflexos do pensamento de Freire (1996) sobre uma educação voltada para a emancipação e a promoção do bem-estar dos/as educadores/as e de seus/as educandos/as.

4.2 Percepção e sentimentos docentes sobre a prática alfabetizadora.

Inicialmente, no meio educacional existem três tipos de práticas de forma hierárquica: a educativa, que se trata da aquisição de conhecimento em qualquer lugar ou situação, adquirindo conhecimentos que antes não tínhamos de maneira formal ou informal, como por exemplo com a família; a prática pedagógica que une educação, pedagogia e didática em um cenário social, contém intencionalidade, objetivo,

planejamento e organização, além disso, tem-se a prática docente que é o trabalho exercido pelo professor em sala de aula ou fora dela, ou seja, é a prática exclusiva dos professores. Essas práticas permeiam os espaços escolares. Para Franco (2012, p. 169),

A prática pedagógica realiza-se por meio de sua ação científica sobre a práxis educativa, visando o compreendê-la, explicitá-la a seus protagonistas, transformá-la mediante um processo de conscientização de seus participantes, dar - lhe suporte teórico, teorizar com os atores, encontrar na ação realizada o conteúdo não expresso das práticas.

Nesse sentido, na prática pedagógica sempre tem prática educativa, mas na prática educativa nem sempre tem prática pedagógica, considerando a parte didática que são estratégias facilitadoras no processo de ensino e aprendizagem. Já a prática docente, para Sousa (2009, p. 24), “[...] é apenas uma dimensão da prática pedagógica interconectada com a prática gestora, a prática discente e a prática gnosiológica e/ ou epistemológica.”

A partir disso, considera-se que a prática alfabetizadora remete ao trabalho do professor em alfabetizar os seus alunos, tal prática, assim como a prática pedagógica e docente exige um olhar; uma reflexão; uma atenção, no sentido de criar e recriar possibilidades de ensino-aprendizagem em sala de aula, tomar decisões e reavaliar o seu fazer e suas ações.

Para Silva (2019), na contemporaneidade, a identidade do docente confunde-se em meio às outras funções, tarefas e exigências que ele precisa atender em sala de aula, o professor tem que saber de tudo um pouco, para poder sustentar a demanda de sua turma. Sua primeira função é ser docente, mas, também exerce outras, atendendo às posturas que lhe são atribuídas como o cuidado, o controle, o ser amigo, na falta de um profissional na escola.

Dessa forma, essas atribuições ao longo do tempo em alguns casos, causam uma perda da própria qualidade da sua primeira função, o ato de ensinar, fazendo com que se torne apenas um cumpridor de tarefas. Para Freire (1996) existem muitas “exigências do ato de ensinar”:

[...] Ensinar exige: rigorosidade metódica; pesquisa; respeito aos saberes dos educandos; criticidade; estética; e ética; a corporificação das palavras pelo exemplo; risco, aceitação do novo e rejeição de

qualquer forma de discriminação; reflexão crítica sobre a prática, o reconhecimento e assunção da identidade cultural. [...] Ensinar exige: consciência do inacabamento; o reconhecimento de ser condicionado; respeito à autonomia dos educandos; bom senso; humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores; apreensão da realidade; alegria e esperança; a convicção de que a mudança é possível; curiosidade. [...] Ensinar exige: segurança, competência profissional e generosidade; comprometimento; compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo; liberdade e autoridade; tomada consciente de decisões; saber escutar; reconhecer que a educação é ideológica; disponibilidade para o diálogo; querer bem aos educandos (p.28)

De fato, o ato de ensinar exige muito do professor, afinal a docência é uma atividade profissional complexa, cabe então a indagação: como esse profissional percebe as exigências de sua prática e como ele se sente sobre isso? Durante os anos de exercício da função o professor adquire certas atitudes que Pimenta (2008, p. 18) aponta como:

[...] mente aberta para lidar com questões críticas, problemas, especulações teóricas; [...] conhecimentos necessários à vida profissional e capacidade para poder buscá-los onde quer que se possa encontrá-los; possibilidade de avaliar a realidade num ambiente diferente do escolar.

Ao longo dos anos de prática, o professor se depara com diversas realidades e novos desafios que podem surgir, fazendo com que ele se esforce mais para conseguir realizar seu trabalho e mostrar resultados. Considerando a carreira na docência, Huberman (1993) discute sobre cinco fases na evolução da carreira do professor, para ele, os primeiros três anos são marcados pelo choque de realidade do cotidiano; entre o quarto e o sexto ano é uma fase de estabilidade em que o professor tem mais domínio e segurança; a outra fase compreende do sétimo ano de docência até os vinte e cinco anos, nessa fase o professor tende a se sentir exausto pela rotina e a partir dessa fase até os trinta e cinco anos de docência, o professor acredita que já aprendeu tudo e que não precisa mais investir na sua profissão.

Dessa forma, constata-se que a docência é uma carreira vista como negativa para muitos, pois, é do conhecimento das pessoas acerca da desvalorização desse profissional e como sua rotina é cansativa e desgastante. Além disso, existe uma diferença entre o professor de início de carreira e de fim de carreira, em termos de experiência, mas também em termos de ânimo que tende a se perder, diante de tantos

dilemas, erros e acertos. Com isso, percebe-se que para exercer essa função é preciso conhecimentos diversificados, dedicação e muito amor pelo que faz, pois, muitas são as exigências, os papéis a se desempenhar em que sua própria identidade pode aos poucos ir mudando, “assim [...] a ideia de que o professor é antes de tudo amigo, traz guardada a negação de que ele é, como professor, antes de tudo um profissional [...]” (Rios, 2008, p. 77).

Existe uma grande necessidade da atuação psicológica ou psicopedagógica de forma presente na escola, devido aos conflitos e dificuldades de aprendizagem dos alunos, na falta desse apoio o professor representa esse papel como um meio de mobilização para se alcançar resultados satisfatórios, afinal ensinar não é tão fácil. Nesse sentido, Freire (1996, p. 52) confirma: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Com isso, a prática alfabetizadora de um professor, sobretudo de escola pública, é um verdadeiro combate, repleto de inconformidades, mas também de superações e de possibilidades que se tem e que podem ser construídas pela professora, com iniciativas para viabilizar o processo de ensino aprendizagem. Para Scoz (2011, p. 34-35), “[...] os sujeitos críticos exercitam e confrontam seus pensamentos podem gerar novos sentidos, que contribuem para modificações neles mesmos e nos espaços sociais onde atuam”.

Nesse sentido, o professor ao assumir o processo de ensino, assume também o papel de formar sujeitos críticos e conscientes da necessidade da aprendizagem para a vida, mesmo quando isso não é reforçado em casa, o professor tem essa responsabilidade e deve ser um exemplo para seus alunos.

Cunha (2015) afirma ser um grande desafio para o docente, sobretudo na escola pública, a dificuldade de concentração e da tomada de consciência dos alunos, em que as mudanças só poderiam ocorrer a partir de consciência da necessidade de aprender mais e melhor. “A consciência ingênua é, por essência, aquela que não tem consciência dos fatores e condições que a determinam. A consciência crítica é, por essência, aquela que tem clara consciência dos fatores e condições que a determinam.” (Pinto, 1960, p. 83).

Assim, é imprescindível além do ensinar também criar condições que promovam estágios mais avançados de consciência que torne o aluno mais motivado a aprender. No entanto, apesar do impacto que tem o professor na vida de seu aluno

é possível não ser tão fácil formar cidadãos críticos devido a realidade social na qual estão imersos.

Dessa forma, os professores devem estar em uma constante reflexão sobre a prática a fim de mudar ações conforme a necessidade do meio em que atuam. Na área educacional, em que os impactos afetam a escola, os alfabetizadores como sujeitos do processo, cada vez mais enfrentam vários papéis, além do que lhes é imposto.

A problemática dessa questão é que gera impactos na qualidade da aprendizagem e do ensino, e o professora carrega consigo a responsabilidade por falhas no processo, que na realidade tem parte da contribuição familiar e do próprio sistema educacional que muitas vezes se esquivam da responsabilidade, na falta de apoio, nas demoras, na desvalorização do trabalho profissional e até mesmo no esquecimento de implementar melhorias, Joelson Moraes (2019). Assim, percebe-se que existe uma sobrecarga, consequente cansaço e possíveis cobranças para com o profissional docente.

5 PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO: RELAÇÃO ENTRE REALIDADE E POSSIBILIDADE

Nesta seção foram analisados os dados produzidos durante a pesquisa, apresentando os resultados encontrados a partir das informações obtidas com a utilização da entrevista semiestruturada. Para a análise de dados e maior esclarecimento dos objetivos da pesquisa, foram elaborados e definidos 3 (três) eixos temáticos, sendo eles: a) O olhar docente sobre as dificuldades dos alunos no processo de alfabetização; b) Desafios e dificuldades enfrentados por alfabetizadores com crianças no processo de alfabetização; e c) Resultados de sua prática alfabetizadora: sentimentos docentes.

Desse modo, buscou-se lançar um olhar crítico que respondesse ao seguinte problema de pesquisa: Quais os desafios e dificuldades enfrentados no processo de alfabetização por professores que atuam no 1º e 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Teresina-PI?

5.1 O olhar docente sobre as dificuldades dos alunos no processo de alfabetização

Para um bom trabalho na alfabetização das crianças é preciso que o professor saiba identificar as dificuldades de aprendizagem mais comuns dentre elas. Nesse sentido, quando as professoras foram indagadas sobre quais as dificuldades de aprendizagem que comumente os alunos apresentam no processo de alfabetização, responderam:

Bel: *Reconhecimento de letra e sons, passagem da letra caixa alta para cursiva, e essa dificuldade vai crescendo, para a compreensão das sílabas e da formação das palavras, até eles entenderem o processo de formação da palavra é uma grande dificuldade. Quando dá certo é mais fácil o processo.*

May: *São muitas, principalmente a falta de concentração, falta de rotina, de fazer tarefa, por mais que a gente passe o para casa, a gente não tem esse apoio em casa, minha amiga costuma dizer que só em fazer a tarefa o menino já aprende e aprende mesmo, é só meia horinha, só que quando chega em casa não tem isso, vai só para o celular, eu acho que esse é o grande vilão de hoje, não tem limite e maioria dos pais não olham nem a mochila para ver alguma atividade, não todos mas a maioria.*

Lia: *É o meio social que ele vive, eles vêm de famílias que não são letradas, vem com um letramento muito aquém para a idade, não sabem a funcionalidade da escola, e tudo isso interfere.*

Pat: *No início é a dificuldade de reconhecer e associar letra ao som, fonema/grafema, de não entender os sons produzidos e associá-los a letra, a palavra.*

De acordo com Bel e Pat, a dificuldade está na compreensão fonética, nas formações de palavras, Bel acrescenta que quando eles compreendem isso, facilita o processo. May e Lia, pontuam o apoio familiar, para May, as dificuldades são a falta de concentração, devido ao uso excessivo de tecnologias, falta de rotina em casa, e falta de apoio dos responsáveis em verificar as tarefas de casa para que a criança faça. Lia, acrescenta que devido ao meio social não letrado, eles não entendem a funcionalidade da escola e isso interfere na aprendizagem. As falas convergem entre as duas professoras de cada ano.

Segundo Ferreiro (1985), a não aprendizagem da leitura e da escrita ainda é relacionada a pobreza e/ou dificuldades e isso se confirma na questão de muitas crianças serem ditas, como tendo dificuldades de aprendizagem nesse processo. Além disso, o alfabeto é fonético e a criança passa por um processo desde que inicia sua fala, a partir disso, ela faz a relação fonema/grafema pela mediação do professor, essa mediação necessita de dedicação e olhar específico para o nível de escrita de cada aluno, isso concorda com o que a Bel fala, de que quando os alunos entendem, facilita o processo.

Vygotsky (1984) sustenta que o nível de desenvolvimento da criança possibilita determinadas aprendizagens e estas, avançam o desenvolvimento, ou seja, esse processo é resultado dos estímulos recebidos na interação da criança com seu grupo social e seu contexto cultural, isto é: um processo de aprendizagem da criança ao observar, imitar ou experienciar situações de seu contexto, isso concorda com o que a Lia fala, que eles não compreendem a funcionalidade da escola, devido ao meio em que estão inseridos, nesse meio eles não aprendem a valorizar a instituição, nem as atividades que lhe são atribuídas, como a atividade de casa, isso não é visto com muita importância para os pais e consequentemente para os alunos. Como pontuado por May, com relação ao “para casa”.

No que se refere a aprendizagem da escrita alfabética, cabe à escola, com a mediação do professor, conhecendo o nível de desenvolvimento cognitivo e

linguístico, já alcançado pela criança e a partir dele, orientar para que a criança avance em direção ao nível que ela está apta, de acordo com o conceito de *zona de desenvolvimento potencial ou proximal*, sobre a qual o professor pode atuar, estimulando o processo de desenvolvimento. No entanto, para um progresso contínuo, é importante o apoio da família em casa, com uma rotina estabelecida, principalmente para realização de atividades extras.

Em relação a quais dificuldades de aprendizagem citadas são consideradas mais desafiadoras para as professoras, elas responderam:

Bel: *Levando para o lado da aprendizagem, fazer com que a criança saia letrada de fato, é uma cobrança muito grande para nós, fazer com que a criança saia do 1º ano realmente apta a desenvolver o segundo ano, mas, o desafio do trabalho geral é lidar com as questões de família, e de infrequência, por que, uma parte das crianças que estão frequentando, estão em um nível x e os que faltam estão em outro nível, então trabalhar com a sala heterogênea, é um grande desafio. A infrequência deixa a sala muito desorganizada, eu tenho criança que produz textos, mas tenho quem não conhece as letras.*

May: *Pra mim é estar lidando com essa família que não se importa com a criança, tipo, a gente abraça toda a responsabilidade, quando eu entrei aqui nessa escola fiquei no 3 ano e lá era turma enturmada, voltando da pandemia, uma galerinha da alfabetização e do 2 ano que tinham ficado em casa, aí a gente diz que é culpa da pandemia, mas eu não acho, porque tinha uma parte que aprendeu, então eu acho que falta de acompanhamento da família dificulta muito. Outro detalhe, é a heterogeneidade da turma, tem muita criança especial, eu tenho dois na sala que não tem acompanhante. Eu fico sozinha com os dois. Então essa heterogeneidade atrapalha muito, principalmente quando você não tem um profissional de apoio à inclusão. Às vezes a pessoa diz que na escola particular funciona, funciona! Mas não é porque a escola pública é ruim ou o professor da escola pública é ruim, é a falta de apoio, até a direção tá sem apoio.*

Lia: *Convencê-los de como é importante ler e escrever, porque como eles vêm de meio onde isso não é reforçado, os pais não fazem uso da tecnologia da escrita e não dão valor a escola, não veem a escola como um meio de mudar de vida e dizer para eles que é importante, é um desafio tremendo.*

Pat: *Pra mim é ter níveis de aprendizados diferenciados na turma, uma criança que se encontra no nível pré-silábico, junto com uma criança no nível alfabético e também nas turmas superlotadas.*

Para Bel, é fazer com que a criança realmente saia apta a desenvolver o segundo ano, também pontua a questão da heterogeneidade da turma com os níveis diferentes que as crianças se encontram. Sua fala concorda com a fala, da outra

professora de 1º ano, Pat, que diz também ser os níveis diferenciados da turma, a professora May, aponta a falta de apoio da família como maior desafio, mas também fala da heterogeneidade e da falta de apoio em sala, sendo estas questões interligadas. Para Lia, é mais desafiador convencer da importância do ler e escrever já que alguns pais não fazem uso da tecnologia da escrita.

A partir disso, Soares (2022) afirma que a alfabetização é a apropriação da *tecnologia da escrita*, sendo fundamental diagnosticar os níveis de compreensão da escrita que se encontram as crianças. Freire (1995) diz que a leitura e a escrita começam com a socialização do sujeito e sua capacidade de ler o mundo. Isso concorda com a fala de Lia, pois, para a criança ser bem-sucedida no seu processo de alfabetização, ela precisa interagir e socializar com um meio em que isso é praticado, sendo estimulada desde cedo as técnicas necessárias para a prática da leitura e da escrita.

Nessa perspectiva, pôde-se entender o desafio dessa prática para o professor alfabetizador, levando em consideração a multiplicidade de níveis da turma, as dificuldades de aprendizagem individuais de cada criança, a falta de suporte auxiliar dentro de sala de aula e muitas vezes a falta de apoio escolar e familiar. Com isso, algumas crianças não adquirem o domínio da leitura e da escrita na fase apropriada e acabam passando para a série seguinte, mesmo sem o devido aprendizado.

Com base na importância de se buscar um motivo para as dificuldades de aprendizagem, foram indagadas sobre, a quem elas atribuem essas dificuldades no processo de alfabetização, as partícipes responderam:

Bel: *a infrequência e a família, a participação família escola quando acontece é muito visível o sucesso escolar, a criança tem um avanço muito significativo e vai ganhando uma responsabilidade com a escola, o quando a família deixa essa parte de lado é difícil, mas o sistema também é muito falho, o que é cobrado e o que ofertado para dar de apoio também é uma causa, e nós também, eu estudo mas não tenho preparo para lidar com criança autista por exemplo, às vezes a própria secretaria está muito atrelada a formação da criança decodificar, então essa outra parte que precisa de nós professores e desse apoio, não tem, e acaba também sendo uma razão do insucesso das crianças.*

May: *A família, a falta de apoio, eu passei o ano inteiro pedindo auxiliar para minha sala e não veio e não vai vir e eu tenho que me virar. Eu até faço um planejamento legal, mas sem uma ajuda fica complicado.*

Lia: *À família.*

Pat: *Eu atribuo principalmente o desinteresse das famílias e em segundo lugar a falta de políticas voltadas para a área da alfabetização.*

As partícipes atribuem à família. May acrescenta ainda a falta de apoio em sala, Pat, à falta de políticas públicas voltadas para a alfabetização e Bel, a infrequência, mas todas atribuem primeiramente à família. Bel, esclarece que quando acontece a participação da família com a escola é visível o sucesso escolar. Perrenoud (2001, p. 84) ressalta que a colaboração entre escola e a família é fundamental, pois para o autor, a educação não é limitada somente à escola, a participação, o acompanhamento e a valorização da aprendizagem dos alunos pelos pais têm impacto decisivo na trajetória escolar.

Portanto, a instituição e o mediador podem desenvolver estratégias para que o aluno progrida, mas além disso, o sucesso escolar é ligado à relação família/escola, em que é preciso ter comunicação de qualidade, interesse e participação. O apoio em casa pelos pais ou responsáveis avança o processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança.

5.2 Desafios enfrentados por alfabetizadores com crianças em dificuldade no processo de alfabetização

No tocante a prática alfabetizadora, quando indagadas sobre as possibilidades de se conseguir resultados satisfatórios, de acordo com as práticas utilizadas por elas em sala, as professoras responderam:

Bel: *Através da capacitação de professores frente às novas realidades, envolvendo tecnologia na educação quanto no desenvolvimento de recursos para orientação na demanda de crianças especiais e contando também com o apoio familiar.*

May: *Se tivesse um apoio maior, relacionado a um auxiliar pedagógico, ou pelo menos a família ajudasse dando esse suporte, ajudaria, pois as crianças faltosas que não sabem ler e escrever teriam uma maior oportunidade de aprendizado. Esse ano a gente fez um reforço extra, vínhamos no HP, em dias diferentes e escolhemos crianças com mais dificuldade, trazíamos atividades diferentes, lúdicas, jogos mesmo, e muita criança avançou, só não aprendeu quem não compareceu. São pequenas coisas que a gente faz que dá resultado e era só uma vez na semana.*

Lia: *Existe; o professor tem que se desdobrar, a gente que trabalha em escola pública, onde o recurso é pouco, faz o que dá.*

Pat: *Com materiais adequados, que carecem, com um bom planejamento de aula; considerando a realidade das nossas crianças e com o apoio familiar, esse seria o mais importante.*

De acordo com todas as entrevistadas, existe a possibilidade de resultados positivos; Bel e Pat, afirmam que o apoio da família é algo imprescindível, que é indispensável para a realidade das crianças que estão em dificuldade de aprendizagem e dependente da professora que não tem um apoio adequado. O relato da professora May, diz que tentaram um reforço, uma vez na semana, e as crianças avançaram na leitura e escrita através de jogos, ludicidade e atividades diferenciadas as suas singularidades; mas só tiveram aproveitamento os que compareciam à escola para o reforço. A professora declara que infelizmente tem que se desdobrar nas escolas públicas para conseguir tal objetivo e então fazem o que dá.

Soares (2018) ressalta que os desafios encontrados pelo professor, estão entre a constante tensão e as exigências externas, além da que existe no ambiente escolar para se atingir resultados, e a necessidade de se atender as especificidades de cada aluno. Com a falta de apoio da família e governamental, a responsabilidade de se atingir resultados positivos e superar os desafios diários, são entregues aos professores; que a cada dia estão mais sobrecarregados, com falta de recursos, salas superlotadas, e a pressão por resultados; afetando a qualidade do ensino e dificultando a prática educativa reflexiva e humanizada.

Assim, entende-se que existem desafios diversos na alfabetização que não são intransponíveis, mas de acordo com a realidade dessas crianças, oportunidades de criar contextos educativos que respeitem suas realidades, seus ritmos, e experiências, são necessárias para se atingir um resultado satisfatório, assim como um olhar mais sensível por parte das pessoas envolvidas nesse processo, para que este, consiga ser mais significativo e positivamente aproveitado por professores e alunos.

Quando indagadas sobre os desafios enfrentados durante o ano letivo com relação ao processo de alfabetização, obteve-se as seguintes respostas:

Bel: *Não consigo acompanhar uma orientação didática que eu recebo na formação, preciso estar todo tempo buscando os alunos*

para saber o que está acontecendo, recebi muito aluno novo, criança que vem do interior e não conhece letra, dificuldades pessoais entre professores por precisar usar o pátio, ou o microfone para realização de leitura por exemplo.

May: *Às faltas, a maioria das crianças com dificuldade são as mais faltosas, não fazem o “Para Casa”, não tem apoio em casa. Falta recursos também, muitas vezes a gente faz o planejamento para nossa aula e quando chega na escola, tem que mudar esse planejamento, porque se eu preciso tirar cópias de uma atividade que planejei, chego na escola e não tem papel, então eu tenho que escrever no quadro, sendo que as crianças ainda estão sendo alfabetizadas e tem dificuldade em transcrever do quadro para depois ainda responder, as dificuldades são todas essas.*

Lia: *A infrequência, em minha turma da manhã são bem faltosos, falta de rotina e uso excessivo do celular. É como se a escrita não tivesse funcionalidade na vida delas, apenas o celular.*

Pat: *Diversos; infrequência, desinteresse familiar, a não realização das atividades escolares enviadas para casa, crianças que apresentam distúrbios ou dificuldades de aprendizagem e não são investigadas pela família.*

De acordo com todas as entrevistadas, existe a possibilidade de melhores resultados; May, Lia e Pat, afirmam que a infrequência e o desinteresse pelo conteúdo das aulas, dificultam bastante o processo de aprendizagem dessas crianças. Bel e May sentem falta de recursos para trabalhar com os alunos, atrapalhando o planejamento feito por ela, que não é executado por falta de materiais essenciais em uma escola. Ainda de acordo com as docentes, chegam crianças novas na escola, que não trazem quase nenhum conhecimento e têm que começar a alfabetizar praticamente do início, para que exista uma adaptação das aulas e a aprendizagem ocorra de maneira eficaz.

Dessa forma, um dos desafios foram identificar o nível de desenvolvimento de cada aluno, lidar com a diversidade cultural, e socioeconômica dos estudantes, assim como planejar as atividades de maneira a incluir todos os alunos com as dificuldades que trazem de casa, com seus conhecimentos prévios é de extrema importância para uma formação sólida. Para Cambi (1999), o professor deve ser capaz de adaptar suas práticas pedagógicas às necessidades dos alunos, sendo assim, precisam de uma boa formação para que sejam capazes de suprir essas necessidades durante o ano.

Freire (1987) cita a falta de recurso pedagógico como a expressão da opressão estrutural, marginalização de populações vulneráveis e o quanto dificulta

o acesso à educação de qualidade. Seguindo esse pensamento, a falta de recursos na escola compromete a qualidade no ensino, na implementação de metodologias diversificadas e eficazes, redução de interesse dos alunos durante as atividades, dificultando aulas mais dinâmicas e aumentando a sobrecarga dos alfabetizadores.

Desse modo, existe o prejuízo à inclusão, pois limita as práticas pedagógicas interativas, a dependência de métodos tradicionais, tendo que utilizar apenas o quadro e o livro. Quando persistem essas dificuldades, as desigualdades se reforçam e impactam nas escolas públicas em regiões menos favorecidas, onde a escassez de materiais é mais evidente.

Para Almeida (2003), deve haver igualdade dentro da sala de aula, a inclusão de práticas pedagógicas transformadoras, além de melhorias na parte física da escola para se garantir uma boa educação em locais menos favorecidos, fazendo com que não haja prejuízo na qualidade do ensino dando oportunidades iguais para todos os que estão inseridos no ambiente institucional.

Com base nessa concepção, para que ocorram práticas inovadoras, uma boa estrutura na escola, é necessário o esforço conjunto de todos os envolvidos direta ou indiretamente com o exercício das práticas e das metodologias utilizadas, para que se crie um ambiente onde os alunos independentemente de sua condição, tenham a oportunidade de aprender e se desenvolver plenamente.

A partir da constatação dos desafios enfrentados pelos educadores, as professoras responderam sobre o semestre que mais considera desafiador, e as respostas foram:

Bel: *São desafios diferentes, no primeiro semestre as crianças estão amadurecendo e criando independência, e a gente também precisa entender a realidade da turma, quando a gente entende, desenrola o trabalho. Já no segundo semestre, é pouco tempo para o que precisa ser feito, a gente acaba se cobrando mais, para mostrar o resultado do trabalho.*

May: *Eu sempre dou meu sangue no primeiro semestre, porque o segundo é menor e mais cheio de festas, os meninos faltam muito para viajar, e quem aprendeu no primeiro semestre, aprendeu, ou senão, fica sem aprender, pois não dá para recuperar o tempo perdido. Então para mim, o primeiro é o melhor para um aprendizado eficaz.*

Lia: *O primeiro é mais complicado para colocar na rotina, no segundo eles já estão nos trilhos.*

Pat: *Para mim o segundo semestre, pois já estamos cansadas e sobrecarregadas de uma rotina muito puxada lá no primeiro semestre.*

Para as professoras Bel, May e Pat, o semestre inicial é o ponto chave para um aprendizado satisfatório. Já a professora Lia, considera o segundo semestre como sendo o mais fácil de se trabalhar, assim como Ferreiro (1985) que compreende que o aprendizado da escrita e da leitura avança de maneira gradual, e o tempo de exposição aos estímulos, considerando também o pensamento de outros autores como Vygotsky e Piaget.

Para Freire (1996), os professores enfrentam vários desafios diante das dificuldades, dentre eles, estão os novos alunos, planejar os conteúdos e criar um ambiente que seja acolhedor para receber as crianças; também destaca a importância do diálogo entre o aluno e o professor e a construção coletiva do conhecimento.

Ressalta-se que durante o ano letivo, o professor deve empenhar-se em estabelecer uma rotina a ser seguida durante todo o ano, e a partir desta, criar meios para o avanço da aprendizagem dos alunos, considerando as dificuldades que surgem em cada fase, superando-as com resiliência, diálogo e contando sempre com o possível apoio em seu ambiente de trabalho, assim como o apoio familiar para conseguir contribuir com a autonomia de seus alunos.

5.3 Sentimentos docentes sobre os resultados da prática alfabetizadora

Com relação aos impactos que atingem diretamente o professor, devido às dificuldades no processo de ensino e os resultados da sua prática docente, os entrevistados foram questionados se consideravam a existência de situações de sobrecarga em sala de aula, as respostas foram:

Bel: *O tempo inteiro, porque o professor abarca muita coisa que vai além do ensinar, então sobrecarrega bastante, você precisa entender que uma criança não aprende por que ela traz todo um contexto dentro dela, e para você entender isso vai te sobrecarregar, porque é familiar, é emocional, é psicológico e é cada um com o seu.*

May: *Sim, todo o professor devia fazer terapia, porque a gente já tem mil problemas e agente da conta de mais 30 problemas diferentes em sala de aula, as mães chegam e falam o que os filhos têm, cada uma*

fala e querem que você lembre de tudo, é muita coisa para dar conta, às vezes a gente quer fazer aquela aula fantástica, mas você fica tão cansada e estressada que você desiste.

Lia: *Sim, a gestão de sala de aula, essa questão de dizer que é importante a escola, acho que ele vem de um meio que nem acredita na carreira científica, acham que os filhos não podem. Para mantê-los atentos e concentrados, às vezes, eu penso que estou com um pé em um século e eles estão e outro, sinto um abismo entre eu e eles. Sinto que eu falo e eles não entendem, estou vivendo uma transição de geração.*

Pat: *Hoje é a indisciplina dos alunos e a falta de autonomia que nós professores perdemos. Minha turma à tarde é pior que a da manhã e me sinto muito cansada, são muitas dificuldades e a família também não ajuda.*

Para Bel e May, é o acolher e lidar com os problemas que cada criança traz consigo, sendo que os professores também lidam com suas próprias questões. May, acrescenta que, devido ao cansaço e estresse, acaba desistindo de realizar uma aula fantástica. Para Lia, é mantê-los concentrados e atentos, por meio de um diálogo que parece não os atingir, por conta de as crianças estarem em uma outra geração, como outros valores, pensamentos e condutas. Pat, atrela a indisciplina dos alunos a falta de autonomia do professor.

Silva (2019) discute que a identidade docente se confunde em meio às outras funções que ele precisa desempenhar, o professor tem que saber de tudo um pouco para atender a demanda da turma, e essas atribuições ao longo do tempo, causam uma perda da própria qualidade da sua primeira função que é ensinar, isso está de acordo com o que diz a professora May e com o que aponta a professora Bel.

Para Cunha (2015) é um grande desafio, a questão da concentração da criança, devido à falta da tomada de consciência, esta, por sua vez deve ser mediada pelo professor para a formação da criticidade do aluno, a criança precisa ser motivada a aprender. Para isso, é preciso estratégia, pois o ensinar vai além de apenas ministrar conteúdos, como sustenta Freire (1996).

A sobrecarga, cansaço e estresse, são sintomas comumente relatados pelas professoras, motivados pelos dilemas de sala de aula. As duas primeiras entrevistadas mencionam sobre ter que dar conta de muita coisa, isso realmente acontece e essas atribuições acabam acarretando um desgaste mental e físico ao longo do tempo. As demais, mencionam a indisciplina e concentração, Lia relata que

sente um abismo entre ela e as crianças e Pat comenta sobre a falta de autonomia do professor.

Com isso, percebe-se que o professor precisa ter mente aberta, entendendo que seu fazer vai além do ensinar. Contudo, devido a mentalidade da criança e das pessoas com quem ela convive, bem como a realidade dela, isso acaba sendo difícil. Nota-se isso, na falta de concentração, na indisciplina, na desobediência, além disso, para tudo é preciso do apoio parental e quando não tem, o professor não é levado muito a sério pelas crianças e ele sente que perde sua autonomia em sala de aula.

Baseado nos resultados na alfabetização das crianças, prosseguiu-se com o questionamento sobre a existência de cobrança para atingir resultados e como elas se sentem diante desta situação:

Bel: *Os testes de níveis, quando você vai comparando e não vê o avanço, te causa uma cobrança pessoal, e na formação da secretaria é feita análises com o percentual das escolas, eles sabem em que percentual você está e eles querem resultados, e isso vai deixando a gente triste.*

May: *Sim, por parte da SEMEC, perguntam: e aí já tem quantos % da turma alfabetizada? Até quando vai me dar tantos %? e no fim do ano quantos %? O tempo todo! Tem que gravar o teste, gravar a leitura do menino, eles duvidam até se você está mentindo. Tem que ter foto, às vezes a gente deixa de dar aula, para ficar fazendo teste, com um sistema que é falho. Eu me sinto impotente, me sinto triste. Eu não tinha o sonho de ser professora, mas passei para pedagogia e achei que era isso que eu tinha que ser, e entrei em uma escola que me apaixonei pelo ambiente e fazia tudo com amor, mas ultimamente estou tão desamorosa com a profissão, desmotivada, é a desvalorização, e aí chega um ponto que você vai fazendo o que dá e ao mesmo tempo vem aquele peso na consciência, os meninos não têm culpa! Então, são sentimentos conflituosos dentro de mim.*

Lia: *Demais, pouco pela família, tem pela SEMEC, mas quem mais me cobra sou eu mesmo, às vezes eu saio daqui morta de cansada parece que eu não tô fazendo nada, aqui eu tenho todo tipo de problema, tem criança que os pais estão presos, que sofrem todo tipo de coisa, se nós adultos quando estava com problema emocional a gente não avança, imagina uma criança. Eles avançaram com relação ao ano passado, mas eu queria que tivessem avançado mais, imagina onde eu iria chegar com o apoio da família.*

Pat: *Sim, mas não me incomoda muito, essa cobrança é necessária, para avaliarmos o nosso trabalho.*

Os enunciados das entrevistadas sobre cobrança e sentimentos, mostram que existe uma cobrança da secretaria de educação, da escola e uma cobrança pessoal,

que se elevam a sentimento de tristeza, impotência e desmotivação. Apenas Pat, revela que não sente incômodo com a cobrança e considera necessária para avaliar seu trabalho.

Pimenta (2008) afirma que ao longo dos anos de profissão, o professor adquire algumas atitudes como a mente aberta para lidar com questões críticas. Huberman (1993) discute que na terceira fase de carreira, o professor tende a se sentir exausto pela rotina em sala de aula, essa teoria está de encontro com a fase das professoras de acordo com seus anos de serviço.

De fato, a cobrança do sistema é desleal, pois, querem resultados e não dão os meios ou recursos para o alcance dos mesmos, além do que não se leva em conta o contexto individual de cada criança, são realidades diferentes e algumas desfavoráveis. O professor acaba por se cobrar muito, porque aprende a ter que lidar com todo tipo de situação e precisa mostrar os resultados positivos, mas isso gera consequências ruins ao seu trabalho como o cansaço e a exaustão na rotina, porque esses resultados não dependem somente deles e deveriam ser condizentes com o meio, considerando a escola, família e sociedade.

Com isso, sabe-se que um dos desafios mais presentes em sala de aula nas escolas públicas é a falta de apoio ao professor. Diante disso, perguntou-se às professoras, se isso ocorre com elas na realidade de suas práticas, em caso positivo, qual seria o impacto pessoal devido essa problemática. As partícipes tiveram como respostas:

Bel: *Eu senti uma falta de apoio com relação a um criança especial, fui até na gerência de inclusão da secretaria de educação, mas passaram a bola pra frente, disseram que no caso do meu aluno ele não era uma criança com deficiência, ele tem transtorno de bipolaridade, tem dia que ele me ama e tem dia que ele me odeia, enfim, disseram que era com o pessoal do caps, e fui atrás e também não foi para frente, então às vezes a gente se sente abandonado, eu consigo ser uma professora de manhã que eu não consigo ser de tarde devido esse problema, tem uma pessoa com ele, mas ainda assim gera um conflito muito grande na sala que eu consigo ver o resultado do meu trabalho indo por água baixo e ele consegue tirar completamente minha autoridade na sala de aula.*

May: *Demais, está cada vez mais difícil exercer a profissão, e você não pode nem cobrar os pais que eles vem com trezentas pedras na mão, e gera denúncia no conselho tutelar, antes a gente tinha mania de tirar o recreio mas não pode mais, então não tem nada do teu lado, tudo é contra o professor, até o recreio não pode tirar da criança por dar problema.*

Lia: *Sim, falta apoio da família, aqui eu faço o meu papel e o papel da família, e falta pessoal na escola também.*

Pat: *Sim. Na rede pública deixa muito a desejar, a desvalorização e a falta de apoio ao professor durante sua prática, falta recurso, até ajuda pedagógica da gestão, impedindo de realizar aulas dinâmicas e inovadoras, isso desmotiva.*

A professora Bel fez um relato pessoal de uma situação que ela vivenciou, na qual sente a falta de apoio não só de uma pessoa em sala, mas um apoio maior do sistema a fim de melhorar essa situação. May e Lia citam a falta de apoio dos pais, mas em outro momento da entrevista, May, chegou a citar que fica sozinha em sala, mesmo tendo criança autista “[...] eu passei o ano inteiro pedindo auxiliar para minha sala e não veio e não vai vir e eu tenho que me virar [...]”. Lia também acrescenta que falta pessoal na escola. Pat relata a falta de apoio em sala, falta recursos e ajuda da gestão pedagógica da escola.

Morais (2019) discute que as professoras carregam a responsabilidade por falhas no processo, que na realidade não depende apenas delas, por muitas vezes falta o básico, que dentre outras coisas, aqui frisou-se o apoio, seja ele em sala de aula; por parte da família; da escola ou por parte do sistema de educação.

Percebe-se que os impactos da problemática da falta de apoio ao docente, atingem diretamente a qualidade da aprendizagem das crianças e do ensino. O professor tende a se sentir desvalorizado e esquecido, aumentando as queixas de cansaço, estresse e sobrecarga como já foram mencionados nos enunciados de outras questões. Nesse sentido, compreende-se a necessidade do fazer docente com acolhimento em todo processo, na busca de meios para superar os desafios da profissão, seja com auxílio ou sem, mas sempre entendendo seus limites e respeitando seu estado físico e mental.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado a respeito dos desafios do professor alfabetizador do 1º e 2º ano do ensino fundamental e suas implicações no ensino aprendizagem, demonstrou que alfabetização é um processo complexo e necessita de empenho e uma troca na relação professor/aluno e escola/família para se atingir bons resultados. Considerando, o papel do professor e a necessidade da técnica com acolhimento em todo processo de alfabetização.

Através de uma abordagem de cunho qualitativo e descritivo, foram considerados os aspectos que impactam a prática docente e ficou evidenciado que os professores enfrentam diversos desafios, no campo pessoal assim como no aspecto profissional, ficou evidenciado nessa pesquisa o quanto a precariedade, a falta de investimentos em educação, a desvalorização dos profissionais da educação causa limitações diretas nas aplicações dos métodos de ensino-aprendizagem.

Diante do exposto, constatou-se uma necessidade de acompanhamento da família no processo de aprendizagem da criança, para que com o apoio dos responsáveis possam progredir em relação a aquisição da leitura e da escrita e diminuindo assim as dificuldades na compreensão e realização de atividades. Sabendo-se que a ajuda no ambiente familiar facilita o processo de aprendizado através de acompanhamento das atividades extraclasse, pois o ensino não é responsabilidade somente da escola e do docente, o acompanhamento e a valorização da aprendizagem dos alunos pelos pais têm impacto decisivo no êxito desses estudantes durante sua trajetória escolar.

Evidenciando as tecnologias, ressalta-se a falta de limites quanto ao uso pelas crianças em suas casas, sem um acompanhamento adequado existe uma exposição demasiada aos meios digitais, prejudicando a concentração durante as aulas, além disso, o uso indevido de celular e o impacto da falta de rotina compromete a não realização de atividades de casa e durante a aula sentem bastante dificuldades. Por outro lado, o meio social não letrado de algumas famílias, contribui para a incompreensão da funcionalidade da escola e da real importância do estudo. Assim, esses fatores também interferem na aprendizagem das crianças.

Compreende-se que para o aluno sair bem desenvolvido e apto para a série seguinte é um desafio aos professores, pois, assim como os fatores apontados anteriormente, existe também a questão da heterogeneidade da turma dos níveis

diferentes que as crianças se encontram, a falta de um maior apoio em sala e da família em casa. Dessa forma, é preciso superar esses desafios para que a criança tenha uma aprendizagem de forma integral para assim progredir as séries, quando isso não ocorre, gera um atraso considerável no seu desenvolvimento com relação às demais.

Percebe-se através desta pesquisa que o aluno para ter sucesso no seu processo de alfabetização, necessita integrar-se ao meio em que a leitura e a escrita sejam estimuladas, é preciso estratégias e instrumentos para prática de leitura e escrita principalmente na escola. O alfabetizador tem um imenso desafio sem ter o suporte necessário e com isso alguns alunos, passam para a série seguinte com uma lacuna na aprendizagem.

Dentre as dificuldades enfrentadas, destaca-se a falta de políticas públicas voltadas para a alfabetização, a infrequência dos alunos, as mudanças de planejamento de aula, o desinteresse familiar e a indisciplina. Portanto, a instituição e o mediador podem desenvolver estratégias para que a criança progrida e conquiste o sucesso escolar, e juntamente ao núcleo familiar através da comunicação de qualidade, interesse e participação, tendo maior apoio em casa pelos pais, facilitando o processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança.

Existe possibilidade de resultados positivos se houver apoio da família que é algo imprescindível para a realidade das crianças que estão em dificuldade de aprendizagem. O resultado na alfabetização depende muito do que se apresenta às crianças, os alunos avançam na leitura e escrita através de jogos, do lúdico e atividades adaptadas às individualidades de cada aluno. Como apontado em um relato, o reforço realizado na escola foi proveitoso devido aos métodos utilizados.

O professor precisa se empenhar para estabelecer uma rotina em sala, superando os desafios com diálogo e resiliência, entendendo que seu fazer vai além do ato de ensinar. No entanto, o professor carrega muita responsabilidade de coisas que não dependem só dele a sobrecarga, cansaço e estresse, são sintomas comumente relatados pelas professoras, motivados pelos dilemas de sala de aula, isso realmente acontece e essas atribuições acabam acarretando um desgaste mental e físico ao longo do tempo.

Diante das cobranças elas se sentem tristes, impotentes e desmotivadas. Além de tudo lidam com a desvalorização do trabalho docente e isso gera consequências ruins ao seu trabalho como o cansaço e a exaustão na rotina. Por

isso, é importante que o docente entenda seus limites e respeite seu estado físico e mental.

Tendo em vista os aspectos apresentados, evidencia-se que são muitos os desafios das professoras alfabetizadoras. A alfabetização nos 1º e 2º ano exige do professor muita dedicação e compromisso. Se faz necessário um apoio a esses alfabetizadores, através de políticas públicas que auxiliem no bom funcionamento da escola para que se consiga superar os desafios vivenciados por eles na instituição citada nesta pesquisa.

Pode-se concluir, portanto, que há uma necessidade urgente de garantia de uma educação de qualidade e que transforme a realidade vivenciada pelos alunos e professoras alfabetizadoras da zona norte de Teresina, repensando-se nas práticas utilizadas, dando suporte para projetos da escola, como o reforço que foi relatado, para que continuem com o trabalho em prol do avanço das crianças. O apoio necessário se faz através de políticas investidas na instituição, na valorização docente, com mais auxiliares de classe como apoio necessário aos educadores, para que os mesmos possam realizar o seu trabalho de forma efetiva, como pilares de uma educação fundamental para que se formem cidadãos críticos e uma sociedade justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação** / Maria Margarida de Andrade. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ALMEIDA, Marta. **A inclusão escolar e as práticas pedagógicas**. Campinas: Papirus, 2003.

ABREU, Ânsia Ripplinger de; PAIM, Marilane Maria Wolff. **Alfabetização no Brasil 1990-2015: avanços e discontinuidades**. In: REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPEd – SUL, 14., 2016, Curitiba, PR. Anais [...]. Curitiba: ANPEd, 2016. p. 14.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 6. ed. Lisboa, 2011.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Qualitative Research for Education (Investigação Qualitativa em Educação)**. Copyright, 1991 by Allyn & Bacon, Inc. Porto Editora Ltda, 1994.

BRASIL. **Plano decenal de educação para todos**. Brasília: MEC, p.136, 1993.

_____. Decreto nº 11.556, de 12 de junho de 2023. Dispõe sobre as diretrizes para a implementação de políticas públicas de alfabetização e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 jun. 2023, Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/decretos/D11556.htm. Acesso em: 30 nov. 2024.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela Alfabetização na idade certa: formação do professor alfabetizador: caderno de apresentação**. Brasília: MEC, SEB, 2012b. 40 p. ISBN 978-85-7783-127-2

_____. Ministério da Educação/UNESCO. **Alfabetização como liberdade**. Brasília: MEC, 2003.

BRITO, Antônia Edna. Prática pedagógica alfabetizadora: a aquisição da língua escrita como processo sociocultural. **Revista Ibero-Americana de Educação**. N. 44. 2007.

CAMBI, Giovanni. **História da pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1999.

COLLERIO, Aline. **Alfabetização: Desafios e Possibilidades**. 1. ed. São Paulo: Editora Letramentos, 2021.

CUNHA, Lúcia de Fátima. **Consciência e Aprendizado**. In Investigação em Educação: diversidade de saberes e práticas. Maria Salomilde Ferreira; Marlúcia

Barros Lopes; Liomar Costa de Queiroz; et al. (org.). Teresina / Fortaleza: Imprepe, 2015.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FERREIRO, Emília. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

GATTI, Bernadete Angelina. **Educação e pandemia:** reflexões sobre a crise e os desafios. São Paulo: Cortez, 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HUBERMAN, Michael. **O ciclo de vida profissional dos professores**. In: NÓVOA, Antônio. (Org). Vida de professores. Porto: Porto, 1993.

LEMLE, José. **O professor e sua prática**. 2. ed. São Paulo: editora Brasiliense, 1988.

LIMA, Francisco Renato. Os significados de alfabetização e letramento para o professor alfabetizador: relação de conflito na prática pedagógica. **Debates em educação**. Maceió, Vol. 7, n. 13, Jan./Jun. 2015.

MACIEL, Maria do Socorro Batista Silva. **Alfabetização e Letramento:** contribuições para a formação de professor. Teresina: FUESPI, 2013.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MELO, Raimunda Alves; TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Desafios de alfabetizadoras no pós pandemia**. In Retratos da Escola / Escola de Formação da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (Esforce). v. 18, n. 40, jan./abr. 2024, Brasília: CNTE, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

MORAIS, Joelson de Sousa. A constituição das identidades de professoras iniciantes: tecendo uma desafiante e provocativa aventura. (capítulo 11) *In*: LIMA, Maria Divina Ferreira (org.). **Práticas docentes no ensino superior: jardim de saberes profissionais dos professores**. Curitiba: CRV, 2019.

PACHECO, Paulo. **O professor e a escola**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PERRENOUD, Philippe. **A Pedagogia na Escola das Diferenças: Fragmentos de uma Sociologia do Fracasso**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PIAGET, Jean. **A construção do real na criança**. 10. ed. São Paulo: Paulus, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PINTO, Álvaro Vieira. **Consciência e realidade nacional: consciência crítica**. Rio de Janeiro: ISEB/MEC, 1960.

RIOS, Terezinha. A dimensão ética da aula ou o que nós fazemos dela. *In*: VEIGA, Ilma (org.). **Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SCOZ, Beatriz. **Identidade e subjetividade de professores: sentidos do aprender e do ensinar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SCOS, Josemary. **Processo de produção da prática pedagógica de pedagogia de professoras alfabetizadoras iniciantes**. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Ponta Grossa. 2018.

SILVA, Gilmar Alves. O fazer e o ser docente: um ensaio teórico crítico de um contexto real da permanência do docente na profissão. *In*: LIMA, Maria Divina Ferreira (org.). **Práticas docentes no ensino superior: jardim de saberes profissionais dos professores**. Curitiba: CRV, 2019.

SOARES, Magda. **Alfabetrar: toda criança pode aprender a ler e escrever**. 1. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2018.

SOUSA, José Fernandes de. **Prática pedagógica e formação de professores**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

TORRES, Rosa María. **Educação e sociedade na América Latina: ensaios críticos**. São Paulo: Cortez, 1990.

UNICEF. **Cenário da exclusão escolar no Brasil: um alerta sobre os impactos da pandemia**. Brasília: UNICEF, 2023. Disponível em: <https://www.unicef.org/brasil>. Acesso em: 20 dez. 2024.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS POETA TORQUATO NETO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA ÀS ENTREVISTADAS

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Nome da Professora:

Grau de formação:

Turma:

Nome da escola:

Turno:

- 1) Quais as dificuldades de aprendizagem, comumente, os alunos apresentam no processo de alfabetização?
- 2) Dentre essas dificuldades, qual(is) você considera mais desafiadora? Por quê?
- 3) A que você atribui as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos em relação ao processo de alfabetização?
- 4) Para você, quais as possibilidades de conseguir resultados satisfatórios em relação à prática alfabetizadora?
- 5) Durante o ano letivo, quais os desafios que você enfrenta em relação ao processo de alfabetização?
- 6) Considerando os semestres letivos, qual você considera mais desafiador? Por quê?
- 7) Você considera que há alguma(s) situação(ões) na sala de aula que lhe sobrecarrega? Comente.
- 8) Há cobranças em relação a resultados? Como você se sente diante dessa situação?
- 9) Sabe-se que um dos desafios dos professores em sala de aula é a falta de apoio para conseguir efetivar seu trabalho. Isso ocorre em sua prática? Se sim, como isso lhe impacta?

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS POETA TORQUATO NETO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

APÊNDICE B - TERMO DE COMPROMISSO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Desafios dos professores no processo de alfabetização de crianças de 1º e 2º ano do ensino fundamental em uma escola pública de Teresina-Pi.

Pesquisadoras responsáveis: Prof. Me. Umbelina Saraiva Alves

Instituição/Departamento: Universidade Estadual do Piauí – Coordenação de Pedagogia

Telefone para contato: (86) 9 9920-4812

Pesquisadora participante: Acad. Ana Gabriela Sousa e a Acad. Elane Azevedo Viana

Telefone para contato: (86) 9 9463-9931/ (86) 9 8137-6305

Você está sendo convidada a participar desta pesquisa de forma totalmente voluntária. No entanto, antes de concordar e participar do estudo é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Se necessário, o(a) pesquisador(a) deverá responder todas as dúvidas. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

A pesquisa possui a finalidade de analisar, no contexto de uma escola pública municipal de Teresina - PI, os desafios de professores no processo de alfabetização de crianças de 1º e 2º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, você será convidado(a) a responder uma entrevista semiestruturada sobre os desafios enfrentados na alfabetização dos alunos do 1º e 2º ano do ensino fundamental.

A entrevista possui uma lauda a ser respondida, o que levará um tempo de duração estimado de 15 minutos. A participação nesta entrevista não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você. A guarda das informações será de responsabilidade das pesquisadoras, que se comprometem a zelar para que as mesmas não sejam utilizadas para finalidades diversas das que constituem os objetivos desta pesquisa.

As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelas pesquisadoras responsáveis. Os participantes da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados do estudo forem divulgados em qualquer forma.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____
estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Local e Data: _____

Assinatura

Nome das alunas

Nº do documento de identificação